



**Universidade Federal da Paraíba Centro de Comunicação, Turismo e Artes
Programa de Pós-graduação em Jornalismo**

A rotina do correspondente de TV no interior, a experiência de repórteres e cinegrafistas da Rede Paraíba de Comunicação

Sílvia Nancy Torres da Silva¹

Relatório de produto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (Mestrado Profissional) da Universidade Federal da Paraíba para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva.

João Pessoa – PB

2021

¹

Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Repórter da TV Cabo Branco, afiliada Globo. Dezesete anos com experiência em Jornalismo.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586Sr Silva, Silvia Nancy Torres da. A rotina do correspondente de TV no interior, a experiência de repórteres e cinegrafistas da Rede Paraíba de Comunicação / Silvia Nancy Torres da Silva.

- João Pessoa, 2021.

88f. : il.

Orientação: Luiz Custódio da Silva.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo. 2. História da TV. 3.

Livro-reportagem. 4. Repórteres - Paraíba. I. Silva, Luiz Custódio da. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82-92(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA | UFPB

CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES |
CCTA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO | PPJ

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO


Aos quatorze dias do mês de dezembro de 2021, às 15 horas, foi realizada, por videoconferência, através da plataforma Google Meet®, pelo endereço eletrônico <https://meet.google.com/kpq-rfbw-mdm>, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) **SILVIA NANCY TORRES DA SILVA**, sob a matrícula **20191000110**, cuja pesquisa intitula-se “**A rotina do correspondente de TV no interior, a experiência de repórteres e cinegrafistas da Rede Paraíba de Comunicação**”, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

AVALIAÇÃO:


Aprovado(a) () Reprovado(a) () Insuficiente

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta ata.

COMISSÃO EXAMINADORA:


Prof(a). Dr(a). **LUIZ CUSTÓDIO DA SILVA**
Presidente


Prof(a). Dr(a). **FABIANA CARDOSO DE SIQUEIRA**
Examinador(a) Interno(a)


Prof(a). Dr(a). **ROBERTO FAUSTINO**
Examinador(a) Externo(a) ao Programa

RESUMO

Os municípios que incorporam o grande interior do país sempre quiseram se ver representados nos meios de comunicação. Por décadas, as publicações e exibições eram voltadas para capitais e região metropolitana. Com o passar do tempo, os meios de comunicação entenderam a necessidade de enviar jornalistas para o interior para que as histórias dessas cidades fossem contadas. Aqui na Paraíba não foi diferente. Especificamente, tratando da Rede Paraíba de Comunicação, que detém afiliadas Globo no estado, TV Cabo Branco, em João Pessoa, e TV Paraíba, em Campina Grande. Em Janeiro de 2007, a primeira correspondente de TV no interior, Herta Riama, inaugurou a primeira sucursal da Rede, em Patos. E assim nasceu no interior um jeito específico de contar a rotina local, com alguém vivendo a realidade local. Neste livro reportagem, a ideia é trazer a rotina dos correspondentes de TV no interior, da Rede Paraíba de Comunicação, apresentando esses correspondentes. Revelando uma rotina muito peculiar, de multitarefa e relação de proximidade. Para isso, o presente produto conta com suporte teórico de autores como Francisco de Assis (2013), Carlos Camponez (2002), Nelson Traquina (2004), Gislene Silva (2005). O objetivo é mostrar também a importância desse trabalho que tanto enfatiza o jornalismo regional.

Palavras-chave: jornalismo, interior, proximidade, televisão, local.

ABSTRACT

The municipalities that incorporate the great interior of the country have Always wanted to be represented in the media. For decades, publications and exhibitions were aimed at capitals and the metropolitan region. Over time, the media understood the need to send journalists to the interior so that the stories of these cities

could be told. Here in Paraíba it was no diferente. Specifically, dealing with the Paraíba Communication Network, which owns Globo affiliates in the state, TV Cabo Branco, in João Pessoa, and TV Paraíba, in Campina Grande. In January 2007, the first TV correspondent in the interior, Herta Riama, inaugurated the first branch of the Network, in Patos. And so a specific way of telling the local routine was born in the countryside, with someone living the local reality. In this report book, the idea is to bring the routine of TV correspondents in the interior of the Paraíba Communication Network, presenting these correspondents. Revealing a very peculiar routine of multitasking and close relationship. For this, the presente product has literary support from authors such as Francisco de Assis (2013), Carlos Camponez(2002), Nelson Traquina (2004), Gislene Silva (2005). The objective is also to show the importance of this work that emphasizes journalism regional.

Keywords: Journalism; Countryside; Proximity; Television; Local.

AGRADECIMENTOS

Como é bom agradecer. O primeiro agradecimento vai para Deus, Nosso Senhor, Nossa Senhora Aparecida e São José. Neste plano, o meu muito obrigada inicial vai ao meu professor e orientador Luiz Custódio, por acreditar em mim e no meu trabalho como jornalista. À minha amiga e irmã, parceria de sempre, Tatiana Ramalho, por me dar a mão em tantas jornadas, e nessa não poderia ser diferente.

À minha amiga e parceira de trabalho, que chamo de irmã mais nova, Felícia Arbex. Juntas lutamos para ingressar e para terminar o mestrado. À minha família que é sempre tão presente nessa luta, Maria Aparecida Rebelo Torres, mamãe, Jairo Vieira da Silva, meu pai, meus irmãos, Jairo, Igor e Aline, minha tia amada, Maria Amélia Rebelo (in memoriam), minhas tias Jássia e Jaíres, Tio Rui, meus primos Flávio e Rutinha, minhas sobrinhas Sophie e Bia, Sueli, Antônio, minha cunhada Carol. Agradeço também à minha turma do mestrado. Como fomos todos unidos. E somos até hoje. Aos amigos que fiz por lá, Raniery, Bob, Primitivo, Larissa, Felipe. Aos professores do mestrado que tanto nos incentivaram, Patrícia, Fabiana, Paula, Zulmira, Glória. Agradeço também a quem tanto me apoiou no ambiente de trabalho. Aos meus amigos Hildebrando Neto e Giuliano Roque, que trocaram durante um ano os horários de trabalho para que eu pudesse pagar as cadeiras do mestrado de forma presencial.

À Bruna Fernandes que fazia a produção da TV na época em que precisei trocar de horário para ir às aulas do mestrado. Aos cuidados de Giuliana Costa, chefe de redação, e de Tatiana Ramos, editora geral, para que esse processo desse certo. Aos amigos Giovana Rossini, Larissa Pereira, Joalison, Thayane, Luis, Joana, Jô Vital, Zuila, Laerte, Hebert, Danilo Alves, Ítalo Di Lucena, Denise Delmiro, Vanessa, Joana Rosa, Geri, Daniel, Wendel Lima. Aos colaboradores do livro, Felipe Valentim, Herta Riama, Rafaela Gomes, Beto Silva, Marcelo Negreiros, Monike Feitosa, Carlos Siqueira, Volney Andrade. Aos médicos que me acompanham, Sandra Rejane, Wanicleide Leite, Minervino, Fernando Chagas. Aos meus amigos cinegrafistas de trabalho, companheiros de cada dia.

Agradeço ao pai de meu filho, o jornalista Heron Cid, por me ajudar a ficar com ele nos meus momentos de muita ocupação. E ao meu filho José Rebelo, maior parceiro que a vida me deu. O ilustrador da capa de meu livro, o companheiro que tem me ajudado a seguir e a escrever em novas linhas da vida, com esperança e amor.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	05
2. FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS	11
2.1 Uma breve história do surgimento da TV.....	11
2.2 A história da TV na Paraíba.....	13
2.3 Como nasceu a ideia de correspondente de TV na Rede Paraíba de Comunicação.	14
2.4 Jornalismo de proximidade no interior.....	15
3. LIVRO-REPORTAGEM	20
3.1 Perfis.....	22
4. METODOLOGIA	27
4.1 O uso da entrevista para o livro-reportagem nas coletas.....	29

4.2	A auto etnografia como instrumento para relatar a história da pesquisadora.....	30
4.3	O livro-reportagem como produto da pesquisa.....	32
5. PRODUTO	33
5.1	Etapas de Elaboração.....	33
6. CONCLUSÃO	34
7.	REFERÊNCIAS	
	IBLIOGRÁFICAS	36
	ANEXO I – A ROTINA DO CORRESPONDENTE DE TV NO INTERIOR	40

1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais notamos a presença de repórteres de TV representando cidades de médio porte. Eles são correspondentes de interior, são porta-vozes de uma região. Aqui na Paraíba, a história da TV, levando em consideração a realidade da Rede Paraíba de Comunicação, registra a atividade de três sucursais: Patos, Sousa e Guarabira. E a ideia desse livro-reportagem é mostrar a relevância dessa obra, com a descrição da rotina de trabalho dos correspondentes de TV da Rede Paraíba de Comunicação.

Cunha (2001 apud AGNEZ 2014) define correspondência a partir da raiz da palavra, derivando do latim *correspondente*, palavra formada do *com* que significa junto e *responder* que é responder. A junção representa a harmonia do responder junto, do responder em parceria, numa representação de um fato, de um local, de uma situação. Ainda segundo Cunha a expressão adotada do francês, na Idade Média ficou mais atrelada à troca de cartas, respostas escritas e na atualidade ganha sentido amplo, mas ainda com a ideia de sujeito mediador, mensageiro.

A correspondência por meio de cartas exerceu um importante papel na história antiga por representar as principais formas de se ter notícias sobre novos territórios, sobre batalhas ou sobre comunicados de governantes, por exemplo. O jornalismo moderno se integrou neste circuito e assumiu o papel mediador entre os fatos e as populações de diversas regiões (AGNEZ, 2014).

Nossa primeira ideia de trabalho de correspondente de TV vem da experiência internacional. No século XIX, o correspondente ganha sua relevância no jornalismo pelo mundo. As origens desta atividade estão na correspondência de guerra (PALMER, 2005; WILLIAMS, 2011). E a partir daí, os jornalistas começaram a ser enviados para cobrir outros tipos de conflitos. Os profissionais passaram a se deslocar para alguma cobertura.

Mas ser correspondente tem uma diferença para o jornalista que é enviado especial. O correspondente passa a viver numa cidade que é estrategicamente conveniente para a cobertura de certa região, em qualquer lugar do planeta. “O enviado especial desenvolve um trabalho mais pontual, denominado na língua inglesa como

“jornalista paraquedas” (HEMILTON; JENNER, 2004). Isso porque o enviado chega ao destino definido em pauta, sem vínculo com o lugar.

O correspondente é apontado como o “topo” da carreira de repórter e detentor de grande status profissional (SILVA, 2011).

Sabendo de toda a importância para a formação de uma identidade jornalística da localidade em questão, o atual trabalho tem também o objetivo de servir como literatura para futuras pesquisas que resgatem a atividade do correspondente de interior de TV. Isso porque, apesar da TV já estar em nossa rotina há bastante tempo, ainda há uma dificuldade das empresas de comunicação, principalmente na Região Nordeste, em manter equipes no interior dos estados. Algumas, já entenderam a importância desse trabalho e investiram em sucursais e em seus correspondentes. Mas as atuais crises fecharam as sucursais ou limitaram o trabalho, deixando apenas um profissional exercendo várias funções.

Na Paraíba, primeiro temos o registro de correspondentes de interior de rádio e jornal impresso. De TV, os registros são de poucas equipes. E depois do advento da internet e da colaboração de espectadores fazendo seus próprios registros e enviando para as redações, por uma questão de economia, muitas empresas de TV na capital abortaram a ideia de contratar correspondentes para o interior do estado.

A Rede Paraíba iniciou o trabalho de correspondente em janeiro de 2007, na cidade de Patos. A primeira correspondente da Rede Paraíba de Comunicação de TV foi Herta Riama. No período de 2014 e 2017, a Rede Paraíba de Comunicação contou com três equipes de correspondentes, no Sertão e no Agreste, nas cidades de Patos, Sousa e Guarabira.

O livro reportagem traz o perfil desses correspondentes e também a relação de proximidade que eles tinham e têm até hoje com a população, apesar de muitos terem migrado para outras cidades ou atividades profissionais, é destacado na obra a relação de proximidade entre o correspondente e o telespectador local. Por meio de entrevistas, esses profissionais puderam ser relocados ao cenário de construção da notícia que viveram no interior e assim relembrou o que realmente representa a identidade local.

No Brasil, temos grandes registros de correspondentes internacionais de TV. De acordo com o Memória Globo, é possível recordar inúmeros momentos históricos dos correspondentes como a cobertura de guerras, dos refugiados da Síria, a

reunificação da Alemanha, atentados terroristas do 11 de Setembro, a entrega do Oscar, tsunami na Ásia, morte de Nelson Mandela, Copa do Mundo (Memória Globo, 2018). E com o princípio da descentralização da notícia, as afiliadas Globo passaram a intensificar produções no interior do Brasil. Também com o objetivo de ir além da identidade local e conseguir mais celeridade na captura da notícia ampliada para todo o estado.

Rodrigo Alvarez é jornalista, foi correspondente da Globo, em Paris, Europa. Mas já passou pelos EUA, Haiti, África do Sul e Oriente Médio. E graças à vivência que teve como correspondente, ele conseguiu construir material jornalístico para a publicação de livros, o mais recente 'Jesus – O Homem Mais Amado da História'. Isso também foi reflexo da proximidade que esse correspondente teve com os lugares, costumes e pessoas que teve oportunidade de conhecer, como Jerusalém, tocando-o profundamente e fazendo mergulhar numa pesquisa de interesse pessoal que só um correspondente profundamente envolvido com o local é capaz de realizar no meio jornalístico.

Cheguei a acompanhar peregrinos. Eles estão sempre muito abertos à energia que vem daquele lugar quando pisam naquela terra. E nem falo disso no sentido religioso, falo no sentido de reviver um pouco a experiência desse grande homem. As pessoas chegam lá muito sensibilizadas. (ALVAREZ, 2018)

Rodrigo Alvarez percorreu lugares como Judeia, Jordânia, a Samaria (atual Cisjordânia) e a Galileia. Essa experiência se assemelha a tantas situações vividas pelos correspondentes de interior que se permitem andar junto, em ritmo parecido ao da população local, acompanhando rituais, dores e conquistas daquelas cidades que são responsáveis por cobrir.

É a proximidade que permite ao jornalismo perceber os contextos que determinam os valores-notícia e, a partir daí, organizar os restantes elementos valorativos, como a novidade, a atualidade, a relevância, consonância, o desvio e a negatividade. (CAMPONEZ, 2002, p.117)

E é essa proximidade, o conhecer de perto muitas vezes as pessoas que serão entrevistadas, ou os locais, que torna a notícia com emoções mais verdadeiras, ampliando com compromisso do profissional de noticiar com mais complexidade de concentração de material, conseqüentemente com mais credibilidade por causa dessa proximidade. Também e principalmente constam nesse produto de livro reportagem momentos que reforçam bem a diferença de reportagens realizadas por correspondentes de interior de TV pela Rede Paraíba de Comunicação, no que diz respeito à construção da notícia.

O jornalismo é uma atividade que já faz parte da rotina do brasileiro, do paraibano. Do acordar ao dormir, a vida é transferida pelos meios de comunicação (TV, rádio, jornal, sites e redes sociais) para as mais variadas comunidades de espectadores. E hoje, esses leitores, ouvintes e telespectadores são agentes participativos da construção da notícia.

Jornalismo local é praticado para preencher um hiato deixado pelo jornalismo nacional que acaba englobando uma diversidade de assuntos pertinentes ao país. São reportagens ou outros formatos de noticiar estrategicamente resumidos para que caibam no tempo de produção do telejornal estipulado pela rede de comunicação à qual o produto é subordinado. E nesse ato de resumir, personagens, emoções, cultura, detalhes próprios de cada comunidade são eliminados em um processo de Edição. (DEOLINDO, 2013)

Construir o jornalismo é poder contar a história de uma sociedade, apresentando a ela quem ela é, com sua cultura, seus hábitos, seus problemas estruturais, seus conflitos, com suas considerações negativas e positivas, proativas ou não. Ser o mediador responsável por determinada localidade vai além de uma responsabilidade. É se desfazer de amarras de um forasteiro e tentar ser integrante dessa sociedade, explorando como parte de um todo peculiaridades do meio social, econômico, cultural, político, religioso.

O presente produto tem a finalidade de enfatizar o papel do profissional correspondente de TV no interior da Paraíba, de abordar sobre a relação entre repórter e suas fontes, a pauta e a comunidade, a proximidade. Além disso, constatar o interesse do conteúdo explorado nos programas jornalísticos das TVs Cabo Branco e Paraíba (afiliadas Globo na Paraíba) com exibição para todo o estado. E até responder dúvidas recorrentes como se existe uma relação de proximidade peculiar, diferente dos enviados,

diferente dos repórteres que cobrem apenas a capital e sua região metropolitana. Entender quais são as pautas que mais emplacam e que rendem interesse para todo o estado. E uma vez exibida uma reportagem, qual o impacto na vida dos moradores.

O livro é baseado em entrevistas e pesquisas que têm na sua natureza teórica e prática a comunicação social de proximidade. “Jornalismo de proximidade é um conceito que atribui características a uma prática profissional que conjuga as ideias de espaço geográfico e de temas de interesse de uma determinada coletividade. O tratamento midiático inclui a concessão de voz e espaço aos atores locais” (MAIO; MARTINEZ, 2015).

É preciso, portanto, recorrer às vozes das ruas, das esquinas, dos botecos, dos sindicatos, das calçadas, dos diálogos registrados nos ônibus e em outros meios de transporte que conduzem os segmentos comunitários, urbanos e rurais, para a efetivação do processo de apreensão do real nos espaços interioranos, por meio do registro factual e da interpretação jornalística (SILVA, 2013, p.93).

O jornalismo local é praticado para preencher um hiato deixado pelo jornalismo nacional que acaba englobando uma diversidade de assuntos pertinentes ao país, São reportagens ou outros formatos de noticiar estrategicamente resumidos para que caibam no tempo de produção do telejornal estipulado pela rede de comunicação à qual o produto é subordinado. E nesse ato de resumir, personagens, emoções, cultura, detalhes próprios de uma comunidade são eliminados em um processo de edição (DEOLINDO,2013, p. 7-8).

Para um profissional atuante no jornal do interior, a proximidade, associada à atualidade, prevalece no momento de seleção de uma notícia. Depois se agregam outros elementos, como importância, tamanho etc. Uma notícia sobre alguma medida tomada pelo governo federal pode ser atual, importante e se enquadrar nas medidas disponíveis na página, mas será descartada se não tiver um elemento de interesse estritamente local (FERNANDES, 2013, p. 115).

Dentro dessa perspectiva, o livro também vai trazer o que é relevante como notícia para representar uma região, o que é importante na composição de uma rotina jornalística para a tradução de uma identidade local. Quando tratamos de notícia de

interior é necessário levar em consideração qual o impacto dessa “conversa de esquina” para ‘o todo’, para o ‘além dos limites do município’. E como hoje tudo está conectado, vale muito o olhar do mediador/jornalista para extrair dessa matéria prima uma provável reportagem.

A proximidade geográfica de fato supõe uma maior implicação, para o centro de si mesma, que diminui à medida que se agiganta o círculo. Sem dúvida a implicação não funciona só através de mecanismos simples como os topográficos. Funciona também através de efeitos psicológicos de identificação, implicação afetiva, etc. (ALSINA, 1993, p.105).

O jornalismo no Brasil, de modo geral, tem enaltecido muito a proximidade. E a Paraíba segue a regra. É algo que tem atraído a atenção do telespectador. São reproduções da vida cotidiana das pessoas, são rotinas de bairro, de ruas, de manifestações religiosas, culturais bem particulares que quando relatadas ganham um respeito afetivo e de identificação com o que há de mais genuíno no humano, a própria vida. E no interior, nas cidades de médio e pequeno porte, é possível obter situações que promovem a interação do sujeito-personagem da reportagem com o espectador, tratando de ritos específicos, mas com grande grau de importância, por representarem um espelho para quem está do outro lado geográfico, assistindo ora pela curiosidade do assunto, ora por ser algo guardado na memória afetiva. E são exatamente as notícias, além de factuais impactantes, que também ficam arraigadas à memória do telespectador.

2. FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS

2.1 Uma breve história do surgimento da TV

Quando pensamos em televisão nos primórdios, recordamos dela ainda em uma estrutura retangular, com imagens levadas ao telespectador meio que hipnotizantes, a ponto de fixar a atenção e pautar opiniões, pontos de vista, questionar, não concordar ou se identificar a partir do que ela transmite. Mas é um objeto que reúne produtos que vêm se reinventando e sendo o assunto. O telejornalismo é um deles. Hoje, interativa, multiplataforma, com forte participação do telespectador.

Aqui no Brasil, a história do telejornalismo teve início em setembro de 1950, com a TV Difusora, ou Tupi, idealizada por Assis Chateaubriand. Em abril de 1951, foi quando aconteceu a inauguração da TV Tupi, no Rio de Janeiro. E nasceu um divisor de águas na comunicação.

Segundo Guilherme Jorge Rezende (2000), o primeiro telejornal foi ao ar dias depois do nascimento da televisão no país. Chamava-se Imagens do Dia. Em 1952 surgiu o Telenotícias Panair, também na Tupi. Mas o telejornal considerado o mais importante da época foi o Repórter Esso que nasceu primeiro na TV Tupi do Rio de Janeiro, em 1952, e em 1953, em São Paulo.

Os primeiros telejornais da década de 1950, segundo Rezende (2000), eram precariamente produzidos e carentes de qualidade. Por ausência de recursos técnicos, faltava cobertura externa e o “ao vivo”, direto do estúdio, ocupava quase todo o tempo dos noticiários. Os programas eram, em geral, elaborados e apresentados por profissionais oriundos do rádio, o que ajudava a evidenciar duas fortes características do início da TV brasileira: a herança radiofônica e a subordinação dos programas a interesses dos patrocinadores. Perfeito exemplo disso é o próprio Repórter Esso, que estampava no título a influência de seu anunciante (REZENDE, 2000, p.105-106).

Uma década depois, em 1960, já existiam 34 estações de TV e quase dois milhões de aparelhos receptores. E foi a partir dessa década que o telejornalismo começou a ganhar expansão, já que por uma década desde seu surgimento no Brasil tudo era muito limitado em relação aos recursos tecnológicos.

O telejornalismo agrega valor na década de 60 com o advento do videoteipe que foi encomendado para registrar a inauguração da capital do país. Mas a grande mudança veio com o Jornal Vanguarda, na TV Excelsior, segundo Rezende (2000), os jornalistas participavam como produtores e apresentadores das notícias.

Mas, com a Ditadura e o Ato Institucional número 5, em 1964, a TV também sofreu as consequências do golpe militar e foi extinta (REZENDE, 2000). A censura impede a falta de estilo próprio do telejornalismo.

Os avanços foram gigantes durante todas essas décadas até a atualidade. Hoje, o telejornalismo interage com o telespectador que também sugere pauta. É um agente participativo. Envia vídeos, denuncia e isso só reforça o critério de noticiabilidade de proximidade, em que há a construção constante de uma identidade televisiva.

O jornalista de TV também passou por mudanças. É multitarefa, produz, faz a reportagem, edita, e trabalha com outros veículos no sistema de convergência. Hoje, já há empresas de comunicação em que o jornalista é repórter e cinegrafista ao mesmo tempo, é o que chamam de repórter-abelha. Esse é o nome que se dá aos repórteres que apuram, fotografam, filmam, editam e transmitem tudo por tecnologia portátil mais avançada. Para viver essa função é preciso ter entrosamento com a população, para também construir fontes. Na verdade, o correspondente de TV tem perfil parecido, a diferença é que as imagens ainda são feitas por cinegrafista.

O desenvolvimento acelerado das tecnologias digitais e o acesso que a comunidade vem tendo a esses meios tecnológicos têm transformado o comportamento do telespectador. Que não fica mais só aguardando a notícia chegar, ele também produz a notícia, registra e transmite para os meios de comunicação.

De acordo com Ana Paula Goulart Ribeiro (2018), entre 1990 e os anos 2000 houve um avanço no processo de digitalização, com aquisição de câmeras e ilhas digitais. Os portais ganham força. Houve a convergência de meios, entre a internet e a TV e isso estimulou a implantação de um novo sistema de transmissão digital. “No Brasil, a TV digital começou a operar em dezembro de 2007 com a primeira concessão outorgada às emissoras de São Paulo, capital. Em 2010, houve a cobertura do sinal digital em 26 regiões metropolitanas, atingindo mais de 60 milhões de habitantes (Ribeiro, 2018) ”.

2.2 A História da TV na Paraíba

Segundo o livro de Gilson Souto Maior (2017), A história da televisão na Paraíba, a TV na Paraíba teve início com a TV Borborema, sendo a primeira televisão do estado e na cidade de Campina Grande, na década de 60, seis anos depois da inauguração da TV Tupi canal 4 em São Paulo.

Assis Chateaubriand, como paraibano, tinha a intenção de instalar a televisão aqui na Paraíba. Depois de instalar e inaugurar as oito estações de televisão nas cidades de Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza, São Luís, Belém e Goiânia, Assis Chateaubriand começou a tornar realidade a instalação da TV na Paraíba. Tal projeto começou a se tornar realidade na Paraíba em 1961, com a inauguração da antena da televisão denominada TV Borborema, em homenagem ao relevo geográfico da localização da cidade.

A TV Borborema entrou no ar experimentalmente em 15 de setembro de 1963, utilizando o canal 3 e depois o canal 4. A produção dos primeiros programas era elaborada por profissionais de rádio com apoio de produtores de São Paulo e Rio de Janeiro. Os nomes famosos da TV Borborema estavam ligados às rádios locais, às rádios Borborema e Cariri. Alguns desses nomes foram Genésio de Souza, Graziela Emerenciano, Severino Quirino, Deodato Borges, Eraldo César, Luismar Rezende, José Santos, Luiz Rodrigues, Nelson Roberto, Joel Carlos, Ronaldo Eloy, os gêmeos Marcos e Múcio Albuquerque, Walter Meira, Clemente de Sousa, Marconi Alves de Melo, Elídio Pereira, Marilda Manhães, Sevy Nunes, Arlindo e seu conjunto, Amaury Capiba e Rosil Cavalcanti, com o personagem Capitão Zé Lagoa.

A TV Cabo Branco, canal 7.1 digitais, foi a primeira geradora de televisão a entrar no ar em João Pessoa. O fato aconteceu em outubro de 1986. Em caráter experimental, seus fundadores foram o ex-governador Milton Bezerra Cabral e seu irmão Antônio Bezerra Cabral, na época também proprietários nas rádios Arapuan AM e FM. O primeiro superintendente foi executivo Aluizio Moura que integrou Os Diários Associados na Paraíba. A emissora afiliada da Rede Globo de televisão teve o controle acionário adquirido pelo empresário José Carlos da Silva Júnior. E na manhã do dia primeiro de janeiro de 1987 entrou no ar o JCB, Jornal da Cabo Branco, edição com estreia ao vivo e apresentação de Edilane Araújo, tendo como editor Werneck Barreto.

Em 19 de março de 1984, ocorreu a lavratura do contrato de Constituição de uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada denominada a Televisão Paraíba Limitada, com sede provisória na Rua Simeão Leal, número 52, primeiro andar, no centro da cidade de Campina Grande. Mas foi em 1987, no dia primeiro de janeiro, que os telespectadores de Campina Grande puderam assistir a primeira transmissão pela TV Paraíba. Foi quando a TV Paraíba entrou no ar, exibindo o primeiro documentário da emissora, homenageando a comunicação da cidade, História da Comunicação em Campina Grande, com texto, produção, direção do professor e jornalista Rômulo Azevedo. A narração foi de Flávio Vieira Barros.

Os primeiros telejornais que foram apresentados pela TV Paraíba foram CG TV primeira edição, apresentado por Adenildo Pedrosa e Ceiza Gomes que ficou responsável pela apresentação da segunda edição, no dia 02 de janeiro de 1987.

Vários eventos passaram a ser transmitidos e até executados pela TV Paraíba. Alguns deles foram O Maior São João do Mundo, a Chegada do Papai Noel, Domingo no Parque, Saúde na Praça, Forró Fest.

Com o passar do tempo, houve a necessidade de manter equipes de TV no sertão, também área de cobertura da TV Paraíba. Segundo Carlos Siqueira, chefe de redação da TV Paraíba, estava cada vez mais complicado enviar equipe e conseguir obter com rapidez o retorno dessa equipe para exibição de reportagens nos telejornais do dia, em tom factual. Inicialmente, a TV Paraíba, contou com trabalho de cinegrafista, enviando imagem. Mas foi em janeiro de 2007 que teve início a sucursal da TV Paraíba, com sede na cidade de Patos. A primeira correspondente foi a jornalista Herta Riama.

2.3 Como nasceu a ideia de correspondente de TV na Rede Paraíba de Comunicação

Com a necessidade de atender a enorme área de cobertura da TV Paraíba, nasceu a ideia de manter uma equipe no sertão, com cinegrafista e repórter. Segundo Carlos Siqueira, chefe de redação da TV Paraíba, não havia as tecnologias de hoje para auxiliar na celeridade da chegada do material jornalístico, por isso a equipe fixa seria a solução.

A primeira correspondente, estreando em janeiro de 2007, foi Herta Riama, acompanhada do cinegrafista Marcelo Negreiros. Não demorou muito e viram que o

Sertão era muito grande para só uma equipe dar conta. Foi aí que decidiram abrir uma sucursal em Sousa, no alto sertão. Primeiro, apenas contando com um cinegrafista, Jânio Abrantes, conhecido como J Grandão, também em 2007. Em 2009, foi contratada a primeira correspondente de TV de Sousa, Monike Feitosa, já com o cinegrafista Beto Silva. Beto já teria assumido o ofício em 2007, logo depois de J. Grandão.

Passaram por Patos e Sousa os seguintes correspondentes: Herta Riama, Pedro Canísio, Izabella Freitas, Rafaela Freitas, em Patos. Em Sousa foram Monike Feitosa, Zuila David, Laisa Grisi, Larissa Fernandes, Cláudio Gomes (menos de 1 mês), Herta Riama, Artur Lira (3 meses), Felipe Valentim. E em Guarabira, a minha contribuição também enquanto repórter e do cinegrafista Volney Andrade, entre os anos de 2014 e 2017.

De acordo com Carlos Siqueira, eles faziam rondas, entravam em contato com a polícia e definiam por telefone as pautas do sertão. “O repórter funcionava como produtor repórter”, reforçou Carlos Siqueira. Hoje, só existe a sucursal de Sousa, com apenas o trabalho do cinegrafista Beto Silva. O aspecto econômico foi decisivo para reduzir as equipes.

2.4 Jornalismo de Proximidade no Interior

Algo determinante no jornalismo praticado no interior é a proximidade. Traquina (2005) entende a proximidade como um valor-notícia que se refere a um contexto geográfico e cultural de uma região. E reforça que quanto mais próximo dos entrevistados, do seu local de origem, maior o valor-notícia.

O valor-notícia para Wolf (2001) é um elemento de noticiabilidade que permite que o jornalista averigue e selecione quais fatos podem ser notícia. Os valores-notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja presença ou ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. “Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são suas possibilidades de ser incluído”. (GOLDING; ELLIOT *apud* WOLF, 2001, p.96).

Camponez (2002) defende que a localização do profissional interfere na relação entre a mídia e o que se é produzido como conteúdo jornalístico. Nesta ligação conceptual entre a sua localização Territorial e a territorialização dos seus conteúdos que a imprensa regional e local constrói a sua razão de ser, a sua especificidade e sua força” (CAMPONEZ, 2002, p. 110).

Dornelles (2010, p. 238) aponta como “determinante o papel que a geografia tem na composição da informação local”.

a proximidade é olhada desde o ponto de vista da sua ligação ao território, pois quando procuramos entender o seu papel nos meios de comunicação social local e regional, torna-se impossível não refletir sobre a relação estreita que o conceito assume com o local e com a comunidade. Ou seja, apesar de os diversos modelos de comunicação emergentes e determinados pela tecnologia, os medias locais possuem ainda um vínculo muito forte ao que é próximo localmente. (BONIXE, 2017)

Mas, o jornalismo de proximidade não se limita só à questão geográfica, embora essa seja a definição mais básica de praticá-lo no interior. A atividade reúne características próprias. É quando é evidenciada a convivência cotidiana entre mediadores e a sociedade que o cercam, promovendo ações de pertencimento da comunidade, da região em que está inserido.

Os jornalistas envolvidos numa rotina de proximidade estão inseridos no meio utilizado como cenário dos fatos propensos a se tornarem notícias. Convivem com pessoas que logo se transformam em fontes e em entrevistados.

É perceptível a diferença na vida diária com fontes de um jornalismo local do que quem trabalha o jornalismo a uma distância geográfica, o que também mantém esse profissional distante socialmente, culturalmente.

Estar mais próximo incrementa a comunicação interpessoal. Aí, é estabelecido um contrato em que os dois lados dão sua contribuição. O jornalismo, com o serviço de informar, e os indivíduos naturais daquela região, com a atuação como fonte jornalística.

Outro ponto identificado nessa relação é poder compreender minúcias ou conteúdos intrínsecos. Assim como emoções, gestos que falam por si. Para Cecília Peruzzo,

A possibilidade da comunicação interpessoal e da vivência dos acontecimentos contribuem para a formação de cidadãos críticos em relação aos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação. Quando se conhece os atores em cena, seus vínculos políticos e intenções; quando se toma parte dos acontecimentos e se conhece suas causas e desdobramentos; quando se discute os assuntos com outras pessoas, torna-se muito mais fácil perceber a omissão ou a manipulação de informações. Está aí um bom motivo para que o meio de comunicação local atue de maneira responsável e ética se pretende desfrutar da credibilidade local. (PERUZZO, 2003, p.82).

Do acordar ao dormir, estar imerso no ambiente em que se trabalha, faz do profissional um indivíduo participante da localidade. O nível de percepção aumenta. Os sentidos são ampliados, é possível olhar além do que determina a pauta ou o deadline (tradução: tempo limite). É estar na mira da continuidade da notícia, contribuindo para construção de suítes jornalísticas (repercussão do assunto) de assuntos pertinentes à comunidade, mas que soem como interessantes e curiosas para além dos limites dos municípios cuja cobertura jornalística está sendo feita.

Para o exercício pleno da função jornalística no interior, para melhor extração do que pode vir a ser uma pauta e para a conquista de entrevistados e fontes, é importante que haja um desprendimento, uma disponibilidade muito grande desse profissional. É o primeiro ato nessa relação de proximidade. Para o surgimento da familiaridade cultural. Para Peruzzo:

Dimensões como as de familiaridade no campo das identidades históricoculturais [...] e de proximidade de interesses [...] são tão importantes quanto às de base física (PERUZZO, 2005, p. 74).

Sônia Aguiar (2016), inspirada pelo autor português Feliciano Barreira Duarte, que a comunicação de proximidade no interior aquela se diferencia da nacional por produzir uma informação pensando no local, assim. Sendo imediata e com foco no dia a dia da população.

Trazendo para a experiência local, delimitada pela pesquisa como objeto de avaliação, a história de correspondentes de TV da Rede Paraíba de Comunicação, com suas práticas do jornalismo de proximidade no interior.

Questionado em entrevista sobre situações que refletem o jornalismo de proximidade em seu exercício rotineiro na cidade de Sousa e região, no sertão do Estado, o repórter Felipe Valentim afirmou que desde sua chegada, essa aproximação foi percebida. Pela recepção da população. Pela ideia de que ajudando com sugestões de pauta, também estaria ali a marca do pertencimento, com a contribuição da comunidade se tornando um produto jornalístico, indo ao ar na tv.

Eu, enquanto pesquisadora e também repórter de TV da região de Guarabira, no Agreste da Paraíba, também vivi essa proximidade na rotina. A rotina pessoal caminhava junto à profissional. Entendendo que havia uma urgência da comunidade em se ver na TV, em poder manifestar sua cultura para que não só os ‘locais’ reparassem no que era produzido espontaneamente por ela, mas que suas práticas, crenças e ações cruzassem limites, divisas, fronteiras.

De alguns exemplos recordados por mim, estão: a constante abordagem no café da manhã, na padaria mais tradicional de Guarabira, a Padaria Guarabireense, no Centro, com sugestões de pauta constantemente; depois da exibição de reportagens da região na TV Cabo Branco, o comentário de colegas que logo se tornaram amigos de rádios da cidade, mencionando e convidando o público ouvinte para que pudesse assistir a reportagem no portal de notícias da Rede Paraíba de Comunicação, o g1pb. Outra situação de proximidade era a relação com autoridades do município. Sob compromisso de manter sigilo, a equipe de reportagem formada por mim, repórter, e pelo cinegrafista, Volney Andrade, era avisada sobre operações policiais deflagradas durante a madrugada na região de trabalho. Também, havia o convite constante para participar de cerimônias mais íntimas, como aniversários, encontros para café, ou para degustar da gastronomia do município. E o que parece trivial, é também um jeito leve de aproximar e tornar aquele ambiente, aquela comunidade, parte do seu processo jornalístico, fonte inesgotável de informação.

O contrato é estabelecido. A repórter Rafaela Gomes no exercício de profissional de TV, correspondente da cidade de Patos, também no sertão do estado, pôde extrair várias sugestões de pauta da comunidade, desde conteúdo rural à policial. Numa das reportagens mais impactantes de sua carreira, a chegada da água do Rio São Francisco à Paraíba, na transposição, ela pôde contar com a própria comunidade rural informando sobre a hora exata e local onde poderia flagrar esse acontecimento. Assim como, Rafaela pôde fazer um trabalho prévio de expectativa, de como viviam as famílias que aguardavam a chegada da água. Rafaela conseguiu assim transmitir, na reportagem, a esperança do sertanejo, graças ao grau de proximidade e envolvimento que tinha com a comunidade da região. Detalhou expectativa e angústia, medo e fé. Tudo que a água agregada à ela, num ambiente tão árido. “Pude sentir a emoção do sertanejo com a chegada das águas. Foi um esforço tremendo da equipe, mas conseguimos, com limitação de equipamento de iluminação e debaixo de muita chuva, registrar a chegada do São Francisco à Paraíba”, detalhou Rafaela Gomes em entrevista à pesquisadora.

jornalista local é uma pessoa preocupada com as consequências do seu comentário; que é pouco dado à revelação de escândalos com o intuito de preservar as suas fontes de informação com as quais contacta todos os dias; que é um generalista sobre as questões da sua região; que é uma pessoa bem enraizada na sua região, mantendo um contato fácil com as pessoas; é um narrador do cotidiano repetitivo; faz um jornalismo de ‘notáveis’, podendo ele próprio tornar-se num notável a prazo; é um profissional mais sério e mais solidário com os seus colegas do que os seus congéneres da imprensa nacional.

(CAMPONEZ, 2012, p.40)

Ainda da reflexão de Camponez (2012, p.40), Michel Mathien trata o jornalismo de proximidade como algo que

se funda no fato de se dirigir ao, enquanto sujeito integrado e participante numa comunidade geográfica delimitada, da qual é possível conhecer as características: mentalidades, hábitos, modos de viver, níveis de vida, preocupações culturais e sociais dominantes, etc.

Sobre a ética no jornalismo de proximidade, Camponez (2012, p.44) propõe uma reflexão sobre ela implicar em incidências em áreas como:

(...) o direito dos cidadãos à verdade e à qualidade da informação; as implicações da proximidade e do distanciamento no que se refere ao dever de garantir ao público uma informação objetiva e verídica; as possibilidades e limites do envolvimento dos cidadãos no jornal e dos jornalistas na vida pública; os cuidados particulares que se colocam quanto ao respeito da vida privada e da vida pública, num contexto de proximidade; as formas de garantir uma informação plural e diversificada num quadro de maior interconhecimento; a política de atuação relativamente às fontes de informação e de financiamento; a definição dos quadros gerais de referência que definem, à partida, as possibilidades e os limites de intervenção dos media em causas públicas da sua região.

A ética no jornalismo de proximidade ainda remete à discussão, que Camponez (2012, p.45) entende ser compromisso dos profissionais de proximidade e ainda segundo Camponez “se consubstanciar em normas e práticas de ação, para que esta temática não continue a ficar pela sua dimensão estritamente retórica ou servindo de caução a um jornalismo regional incapaz de se repensar.”

3. LIVRO-REPORTAGEM

O livro-reportagem tem a finalidade de transportar o público leitor para um conteúdo mais aprofundado, com relatos mais detalhados, podendo envolver questões históricas, bibliográficas ou sociais. É um gênero mais voltado à estrutura literária de escrever. Segundo o professor Alexandre Zárata Maciel, da UFMA, “o livroreportagem é um universo fascinante que permite exercitar o jornalismo na sua plenitude”.

Trata-se de um veículo jornalístico impresso que não tem a função de periodicidade. E isso oferece uma certa liberdade ao autor na forma de narrar os fatos. Para Lima (2009) é nas primeiras décadas do século XX que “a narrativa jornalística, em reportagem, ensaia seus primeiros grandes passos de independência da literatura, sua busca de um caminho próprio, desembocando em livro”. Aparecem como os primórdios Euclides da Cunha e o cronista Paulo Barreto, conhecido como João do Rio.

Os Sertões (1901), de Euclides da Cunha, torna-se o marco para o livro reportagem no Brasil, embora se apresente como um ensaio literário. E o que o assemelha ao gênero são as estratégias de sedução e o detalhe da narrativa. Lima (op.

cit., p.26) entende a reportagem como ampliação da notícia, a horizontalização do relato – no sentido da abordagem extensiva em termos de detalhes – e também sua verticalização – no sentido de aprofundamento da questão em foco (...) o livro reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos.

Sodré e Ferrari (1986) acreditam que “no jornalismo – tanto no chamado livrereportagem, quanto no jornal diário – a reportagem amplia a cobertura de um fato, assunto ou personalidade, revestindo-os de intensidade, sem a brevidade da forma notícia”. Eles também reforçam que a reportagem traz a predominância da forma narrativa, a humanização dessa narrativa e do relato.

O livro-reportagem surge para complementar o que as notícias factuais não conseguem traduzir por causa da celeridade imposta para suas publicações imediatas. E com essa função de aprofundamento, de riqueza de detalhes e de humanização, o livro reportagem vem se popularizando no mercado literário e nos meios acadêmicos.

Para construção de um livro-reportagem, há semelhanças com a estrutura de uma reportagem. Há definição de um tema, pauta, captação de conteúdo, escrita e a edição do material. Também é preciso pensar na elaboração gráfica do livro. A apuração do conteúdo é mais rigorosa e com base na fidedignidade de fontes e elementos bibliográficos.

Segundo Belo (2006, p.118), “escrever uma reportagem não é enumerar fatos mecanicamente, mas sim dar vida a uma história real”. O livro-reportagem possibilita a tradução de momentos de afetos envolvendo os entrevistados, o detalhamento de emoções e de detalhamento de fatos que passariam superficialmente se estivessem publicados em meios de comunicações que lidam com a factualidade.

3.1 PERFIS



Beto Silva

José Gualberto da Silva Neto é o nome de Beto Silva. O repórter cinematográfico nasceu em Sousa, no alto sertão da Paraíba, em 1976. Filho de um vigilante paraibano, hoje aposentado, Francisco Dário Sobrinho e de uma dona de casa pernambucana, também aposentada, Silvanita Lira. Estudou por onze anos, por meio de uma bolsa, num colégio de freiras, Nossa

Senhora Auxiliadora. Trabalhou com o avô na comercialização de gado, também como entregador de jornal e por cinco anos exerceu a mesma profissão do pai, vigilante em uma agência bancária na cidade. Nesse mesmo período, trabalhou também por cinco anos gravando eventos sociais como casamentos, batizados e aniversários, daí nasceu a paixão pelas imagens. Foi convidado e entrou na TV Paraíba, em 2007. E até hoje é o responsável pelas informações e reportagens do alto sertão. Já emplacou com suas imagens em em Rede Nacional por 218 vezes.



Zuila David

Zuila David é natural de Crato-CE. Formada em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo- pela UEPB em Campina Grande (2009), mestre em Jornalismo pela UFPB (2015), é repórter da TV Cabo Branco desde 2010, quando começou como correspondente na cidade de Sousa, no Sertão do estado. Em 2012, mudou-se para a capital João Pessoa, onde

passou a atuar como repórter externa na TV. Vencedora de vários prêmios de jornalismo regionais e nacionais, entre eles o Prêmio Sebrae de Jornalismo, Abecip, AETC-JP, entre outros. Em 2019, recebeu

o título de cidadã paraibana pela Assembleia Legislativa da Paraíba. É casada e mãe de dois filhos, Luiz David e Liana.

Felipe Valentim



Felipe Valentim nasceu em Campina Grande, PB, no ano de 1992. Filho de Zenilda Valentim da Silva e Márcio Davi de Brito, foi a segunda pessoa de sua família a conseguir ingressar em um curso superior. Durante a graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal de Campina Grande, atuou de forma voluntária na cobertura de festivais culturais de Campina. Felipe estagiou na assessoria de comunicação da extinta Escola Técnica

Redentorista, entre

os anos de 2012 e 2013. Ainda no ano de 2012, durante a greve das universidades federais, estagiou na assessoria do Comando de Greve da Associação dos Docentes da UFCG (ADUFCG). Foi estagiário de comunicação da Gerência do INSS em Campina Grande entre os anos de 2013 e 2015, até passar na seleção de estágio na produção da TV Paraíba, afiliada à Rede Globo.

Felipe foi contratado como repórter correspondente da emissora em setembro de 2015, logo após concluir sua graduação na UFCG. Por causa do trabalho, o comunicador se mudou para o Sertão do Estado. Morou por 2 meses na cidade de Patos e depois em Sousa por 1 ano e meio, até ser transferido de volta para sua terra natal, para integrar a equipe de repórteres de Campina Grande, em fevereiro de 2017.

No retorno à Campina, Felipe fundou uma agência de gerenciamento de redes sociais, em parceria com um amigo da época do Ensino Médio. Ele caminhou com as duas atividades profissionais até setembro de 2020, quando pediu demissão da TV Paraíba. Atualmente, o comunicador se dedica à sua agência, a trabalhos no mercado publicitário e está à frente do programa Tamo Junto PB, que é exibido semanalmente no YouTube, com o objetivo de divulgar o potencial turístico e cultural da Paraíba.

Monike Feitosa



Monike Feitosa nasceu no Recife, PE, e aos quatro anos, os pais dela voltaram para Juazeiro do Norte, Ceará, onde mora atualmente. Mas a história no jornalismo surgiu quando, aos 18, ela decidiu sair de casa para cursar jornalismo na UEPB, em Campina Grande, PB. Na época, ela cursava Letras no Ceará. Monike desistiu

do curso de Letras na metade para realizar o sonho. Ela também precisou pedir demissão da CDL, em Barbalha, no Ceará, em que era gerente, nos anos de 2003 e 2004. A paixão por jornalismo nasceu na adolescência, na rádio da escola que funcionava no intervalo das aulas. Foi repórter da TV Paraíba em 2009, em Sousa até outubro do mesmo ano. Começou a trabalhar na TV Verdes Mares, em Juazeiro do Norte, no Ceará, em novembro de 2009 e saiu em 2011 para fazer mestrado. Retornou para a TV Verdes Mares em 2012 e saiu em 2018, quando deu início ao próprio negócio, o site Commonike em que ela noticia o que é destaque na região e assessora empreendedores. Monike é casada e mãe de duas meninas, Nicole Maria, de sete anos, e Lara Manuela, de três anos. Ela continua em Juazeiro do Norte empreendendo e com a família.



Herta Riama

Herta Riama é natural de Patos-PB, sertão paraibano. Com nome estrangeiro desde cedo passou a batalhar. Na adolescência, deixou o sertão para morar em João Pessoa, lugar onde cursou o ensino médio. Fez vestibular e chegou a cursar Pedagogia e Processamento de Dados, mas abandonou os dois, por não se identificar com nenhum. No mercado de trabalho, atuou como corretora de imóveis e professora de Português. Em 2000, focou nos estudos e foi aprovada para o curso de Comunicação Social na Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande. Seis anos depois, já formada em jornalismo, teve algumas experiências com

radiojornalismo e recebeu o convite para ser a primeira correspondente da TV Paraíba em Patos. A experiência durou cerca de três anos, até que a repórter arrumou as malas e seguiu rumo à capital paraibana outra vez, onde trabalhou em uma TV e uma rádio. Três anos após o início de sua temporada em João Pessoa, Herta recebeu um novo convite da TV Paraíba. Dessa vez, para ser correspondente em Sousa, distante cerca de 120 quilômetros de Patos. Ainda atuou como repórter em Campina Grande. Hoje, está longe das telinhas, mas se tornou empreendedora, gerindo uma empresa que envolve marketing e comunicação em Patos.

Rafaela Gomes



Rafaela Gomes de Oliveira, natural de Patos - PB, cresceu no Bairro São Sebastião, no município, com forte vocação para a comunicação. Filha de um motorista e de uma servidora pública. Quando fazia graduação em

Jornalismo, na Universidade Estadual de Jornalismo, UEPB, apareceu a oportunidade de ser repórter de um portal. A experiência fez Rafaela se tornar conhecida a ponto de ser contratada por uma emissora de TV. Ela era responsável pela cobertura de 54 cidades do sertão. Atualmente, Rafaela é Analista de Marketing do Patos Shopping, na cidade de Patos, no sertão da Paraíba.

Volney Andrade



O cinegrafista Volney Andrade é natural de Guarabira- PB. Começou a trabalhar na profissão no ano 2000, na TV Tambaú, afiliada do SBT na Paraíba, como serviço prestado. Não demorou e no mesmo ano foi para a TV Arapuan, afiliada à RedeTV na Paraíba, já oficialmente contratado como cinegrafista. Mas foi em 2014 que recebeu o convite para ser cinegrafista em Guarabira, na TV Cabo Branco, afiliada Globo na Paraíba. Em

2017, voltou para João Pessoa, continuando a atuar até hoje como cinegrafista na TV Cabo Branco. Volney é casado, pai de duas jovens e avô de uma menina. A família continua morando em Guarabira.

4 METODOLOGIAS

A ideia do livro-reportagem surgiu de uma vivência muito particular. Depois de ser correspondente da TV Cabo Branco, afiliada Globo na Paraíba, atuando na cidade de Guarabira, no Agreste do Estado. O trabalho foi desenvolvido entre 2014 e 2017 e neste período, também foi possível acompanhar o trabalho dos outros correspondentes da Rede Paraíba de Comunicação, assim como produzir material em conjunto.

Ciente de que existe uma rotina muito peculiar do jornalista que trabalha no interior, assumindo multifunção e desempenhando técnicas só experimentadas por um correspondente, o objetivo do presente produto é trazer a rotina dos correspondentes de TV da Rede Paraíba de Comunicação.

O método científico usado para traçar o perfil e a rotina do correspondente de TV, da Rede Paraíba de Comunicação, no interior do estado, reúne procedimentos de pesquisa qualitativa que permeiam por técnicas de entrevista e pela autoetnografia.

O recorte do material analisado foi feito no período em que existiram as sucursais de TV no interior da Paraíba, da Rede Paraíba de Comunicação, nas regiões do Agreste e do Sertão. Desde janeiro de 2007 até 2017, também apontando a redução das sucursais, ficando apenas a de Sousa, com o trabalho do cinegrafista Beto Silva. O objetivo foi trazer o perfil dos jornalistas que foram correspondentes durante essa década, para que, por meio de entrevista, fosse relatada a rotina e outras particularidades do ofício no interior.

O trabalho consiste em apresentar a rotina do correspondente, as técnicas usadas para a conquista das fontes, as relações de proximidade, estrutura do local de trabalho e da equipe, produção, critérios para escolha do material exibido. Também revela a avaliação de como ficaram as regiões de cobertura dos correspondentes com o fechamento das sucursais.

Por meio do livro reportagem, também é possível obter apontamentos quanto à prática do jornalismo de proximidade no interior, a rotina de quem o faz, estratégias para conquista de uma fonte.

Os métodos elencados para a análise do objeto de pesquisa foram a partir da pesquisa qualitativa. Por se tratar da busca de explicação para determinado comportamento ou fenômeno no ambiente do jornalismo. Segundo Angrosino (2009),

a pesquisa qualitativa “aborda o mundo lá fora”, analisando as experiências das pessoas que podem vir em histórias biográficas ou de práticas cotidianas, profissionais.

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles. O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.

(CHIZZOTTI, 2003, p.224)

A prática do método qualitativo também exige do pesquisador um olhar mais sensível para seu objeto investigado. E que todo comportamento e qualquer gesto têm sua peculiaridade e sentido científico a ser explorado na pesquisa.

Para analisar o trabalho de correspondentes de TV no interior da Paraíba, da Rede Paraíba de Comunicação, dentro de um espaço de tempo em que a presente pesquisadora esteve inserida no contexto, foi pertinente o uso de entrevistas e da autoetnografia.

4.1 O uso da entrevista para o livro-reportagem nas coletas subjetivas

Segundo Haguette, a entrevista é um processo de interação social, envolvendo duas pessoas em que o entrevistador tem a meta de obter informações do entrevistado, com foco numa problemática central (Haguette,1995).

Por meio da entrevista, é possível coletar dados subjetivos. A opção para essa pesquisa é pela entrevista, por se tratar de um objeto de estudo em tempo pretérito, construído a partir do relato dos entrevistados. É quando se extrai da fonte impressões, expressões, valores, opiniões e resgates da rotina vivida, dados da rotina.

A entrevista segue um planejamento, com a definição das perguntas essenciais em consonância com o objeto, organizada e roteirizada para facilitar a condução, mas de uma maneira que remete a uma conversa informal.

Portanto, a técnica de entrevista utilizada nesta pesquisa foi a semiestruturada, combinando perguntas abertas e fechadas, com mais liberdade para o entrevistado discorrer sobre o tema apontado. No uso de perguntas abertas, o tema é apresentado aos entrevistados que podem falar livremente, obtendo assim um resultado mais espontâneo e amplo, com mais riqueza de detalhes e das impressões sobre o tema.

Nas perguntas fechadas, há uma limitação quanto às respostas, portanto as abertas vão ser as mais utilizadas.

Para Goldenberg, uma entrevista é bem sucedida quando é criado um cenário entre entrevistador e entrevistado harmonioso e de confiança. Por isso a importância na condução de uma entrevista ter uma postura de neutralidade, e tratar com respeito e ética o instante da entrevista (Goldenberg, 1997).

Nesse trabalho, eu, enquanto pesquisadora, interajo com as fontes, com os repórteres que atuaram como correspondentes de TV no interior da Paraíba, pela Rede Paraíba de Comunicação. Extraíndo desses profissionais a experiência no intervalo de tempo em que estiveram à frente das sucursais, assim como o impacto dessa relação até os dias atuais. Apurando os indícios da relação de proximidade dos correspondentes com suas fontes, a rotina, a análise de comportamento da localidade em que estavam inseridos para a extração do material jornalístico.

Os correspondentes de TV aqui pesquisados foram entrevistados, e a entrevista foi gravada em vídeo, para fundamentação da análise e observação de gestos e expressões que também serviram de apoio para a construção do conteúdo científico.

O material em vídeo preservado no núcleo de documentação das TVs Cabo Branco e Paraíba, assim como o conteúdo virtual publicado no G1 Paraíba, serviram para a pesquisa em arquivos, também usada para o resgate de reportagens realizadas pelos correspondentes no período estipulado para a análise.

“A arte do entrevistador consiste em criar uma situação onde as respostas do informante sejam fidedignas e válidas” (SELLTIZ, 1987, p. 644). Para fluir a entrevista é preciso construir um ambiente de confiança, de lealdade ao que se é estabelecido entre entrevistador e entrevistado (BONI; QUARESMA, 2005).

4.2 A autoetnografia como instrumento para relatar a história da pesquisadora

Como eu, enquanto pesquisadora, também trago no livro-reportagem minha experiência, outro método usado aqui foi a autoetnografia que enfoca o gênero autobiográfico de escrita, descrevendo a experiência do pesquisador inserida no objeto de estudo (ELLIS; BOCHNER, 2000; ELLIS, 2004. JONES, 2005; ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011; RIORDAN, 2014).

A autoetnografia também se apresenta como uma forma reflexiva de etnografia, promovendo a interação entre pesquisador e objeto de estudo (DAVIES, 2008), com a descrição e análise das experiências pessoais (ADAMS; JONES; ELLIS, 2015).

É um método científico que usa a experiência pessoal do pesquisador para descrever, analisar e se posicionar diante de crenças e práticas culturais, utilizando a autorreflexão (ADAMS; JONES; ELLIS, 2015, p. 1-2, *tradução nossa*).

A autoetnografia é um método desenvolvido dentro do “modelo triádico” (CHANG,2008), baseado em três orientações: metodológica – com base etnográfica e analítica; a segunda, cultural – que é a interpretação: a) dos fatores vividos, o resgate do que é memória, b) do aspecto relacional entre o pesquisador e os sujeitos (e objetos) da pesquisa e c) dos fenômenos sociais investigados; e a orientação do conteúdo – em que a autobiografia aparece junto à reflexão. Isso evidencia que a reflexividade assume um papel muito importante no modelo de investigação autoetnográfico, com o pesquisador contando com sua própria contribuição/influência/forma na pesquisa intersubjetiva e os resultados consequentes da sua investigação (SALZMAN, 2002).

No mundo jornalístico, eu, a pesquisadora, conhecida como Sílvia Torres, também vivi a experiência de correspondente, na cidade de Guarabira, no Agreste da Paraíba, no período de 2014 a 2017, cobrindo para a TV Cabo Branco, fatos da região, transformados em reportagens e exibidos nos telejornais da empresa de comunicação.

Desse modo, foram inseridos na remontagem da rotina jornalística também minha vivência enquanto correspondente, detalhes do dia a dia, a conquista dos personagens, a construção da fonte, da notícia, a extração do que é notícia para o estado, a relação com a população local, a convivência na comunidade.

O gesto autoetnográfico é o aproveitamento das experiências afetivas e cognitivas de quem quer elaborar conhecimento sobre um aspecto da

realidade baseado justamente na sua participação no mundo da vida na qual está inscrito tal aspecto

(SCRIBANO; DE SENA, 2009, p.5, tradução *nossa*).

A autoetnografia é também na pesquisa o reconhecimento da subjetividade, da emoção e do olhar do pesquisador dentro da investigação (SANTOS, 2017, p.224).

Numa abordagem mais profunda, esse processo envolve uma consciência da influência recíproca entre etnógrafos, suas configurações e informantes. Implica uma introspecção autoconsciente guiada por um desejo de entender melhor tanto o 'Eu' e os 'Outros' através do exame de suas ações e percepções em referência ao e no diálogo com os outros. (ANSERSON, 2006, p. 382).

Dentro desse relato pessoal, e do que for referente à experiência dos demais correspondentes, o jornalismo de proximidade foi o norte da pesquisa, delimitado por meio geográfico e social como um jornalismo diferente do encontrado nos grandes centros, com especificidades da prática.

Para embasamento deste conteúdo teórico que refuta ou comprova hipóteses levantadas na problemática há o uso de material de autores que trazem abordagens nas áreas do telejornalismo, nas histórias dos correspondentes de TV, na própria história da TV no Brasil, aqui na Paraíba, nos registros que identificam o surgimento das sucursais das TVs Cabo Branco e Paraíba e de jornalismo no interior.

Quanto às questões éticas da pesquisa, todo o processo de construção e de publicação do conteúdo analisado foi elaborado de forma transparente para as partes que serviram de objeto de estudo, de apoio para levantamento do material examinado, também quanto aos propósitos da pesquisa.

Pesquisa Documental

Para a construção do produto também houve pesquisa documental, por meio da análise bibliográfica de conteúdo ligado ao jornalismo de interior e ao jornalismo regional e à pesquisa no Centro de Documentação da TV Cabo Branco, com a captura de reportagens dos correspondentes.

4.3 O livro-reportagem como produto da pesquisa

O livro-reportagem foi escolhido como produto desta pesquisa, pelo rico material apresentado pelos entrevistados, os correspondentes. Em Patos, Herta Riama, Rafaela Gomes. Em Sousa, Monike Feitosa, Zuila David, Felipe Valentim, Beto Silva e Silvia Torres e Volney Andrade, em Guarabira.

Também foi adotado para trazer um material científico mais humanizado. Para que houvesse mais espontaneidade nas coletas de material. O termo “livro reportagem” foi criado para designar um tipo de reportagem que se tornou cada vez mais importante no mercado editorial brasileiro, na formação da opinião pública e na renovação da prática jornalística.

É um gênero jornalístico que tem por principal função possibilitar que o jornalista saia do imediatismo e traga para o público um grande conteúdo, seja com questões sociais, históricas ou biográficas do país ou do mundo, que muitas vezes não é possível encontrar nas produções diárias. Esse gênero, que, muitas vezes, se apossa do jeito mais literário de se escrever, costuma chamar muita atenção de alunos do curso de comunicação que desejam fazer como trabalho de conclusão de curso um livro-reportagem (Bastos, 2019).

Com esse produto, foi possível um aprofundamento na coleta de informações e a documentação de uma rotina muito específica que cada correspondente de TV no interior constrói, com muitas semelhanças, mas particularidades também. O livro-reportagem possibilitou uma narrativa mais ampla e espontânea dessas fontes e o objetivo foi servir de referência para outros pesquisadores interessados no jornalismo no interior.

5. PRODUTO

O produto livro-reportagem **A rotina do correspondente de TV no interior, a experiência de repórteres e cinegrafistas da Rede Paraíba de Comunicação** traz o perfil e a rotina de correspondentes, sendo jornalistas e cinegrafistas que atuaram nos municípios de Sousa, Patos e Guarabira, interior da Paraíba, entre 2007 e 2017 e nos tempos atuais.

O livro conta com uma apresentação do conteúdo abordado e recortes de momentos da rotina e produção de reportagens, posicionando o leitor na história da própria Rede Paraíba de Comunicação, à qual pertencem as TVs Paraíba e Cabo Branco. São 8 capítulos mais anexos em que o leitor vai poder acompanhar como foi a produção

de entrevistas por meio de QR Code. Por meio dessa vivência, usando outras plataformas de visualização, é possível perceber as emoções dos entrevistados.

5.1 ETAPAS DE ELABORAÇÃO

- Tema do Livro

A rotina do correspondente de TV no interior, a experiência de repórteres e cinegrafistas da Rede Paraíba de Comunicação

Pesquisa Documental: Entrevistas, busca por reportagens dos correspondentes no Centro de Documentação da TV Cabo Branco para enriquecer a pesquisa.

- Reconstrução da rotina

Por meio de entrevistas com as fontes que são personagens dos livros e de outras fontes relacionadas aos entrevistados, a reconstrução dessa rotina vivida pelos correspondentes no interior, com destaque para a relação de proximidade entre os correspondentes e a população da cidade onde moraram.

- Reconstrução do ambiente da época

Por meio de fotografias de reportagens que foram ao ar, e os relatos e gravações em áudio e vídeo dos correspondentes da Rede Paraíba de Comunicação.

- Levantamento bibliográfico

A bibliografia é relacionada a livro reportagem e também a jornalismo de proximidade.

6. CONCLUSÃO

Faz parte do comportamento de muitas pessoas o gosto por se enxergar em programas de TV e isso inclui o telejornalismo. Quanto mais próxima estiver essa prática da comunicação dessas pessoas, mais identificação gera. A população do interior gosta e quer se ver na TV.

Com a chegada das equipes de TV que assumiram a função de correspondentes do interior, essa aproximação foi espontânea e genuína. Por isso, o interesse em falar dos correspondentes de TV da Rede Paraíba de Comunicação. E também por ter sido algo pessoal, algo que vivenciei, já que fui correspondente de TV no interior pela Rede Paraíba de Comunicação, tendo a sede em Guarabira, Agreste do Estado. No

livroreportagem, o recorte de vivências de alguns correspondentes de TV da Rede entre os anos de 2007 e 2017, e também do único correspondente que resta, Beto Silva, repórter cinematográfico que atua na região do sertão, em Sousa. Esse resgate de memórias dos correspondentes começa com a chegada de Herta Riama, fazendo dupla com o cinegrafista Marcelo Negreiros que já estava na cidade. Isso aconteceu em 2007. Herta trabalhava em Campina Grande e foi convidada a inaugurar o modelo de correspondente em Patos, sendo a primeira mulher correspondente da Rede Paraíba de Comunicação. Ela relatou as dificuldades pelas quais passou, já que foi a primeira e criou um método para dar conta de uma rotina de grande área de cobertura, sertão e alto sertão. Segundo Herta, praticamente não havia folga. Essa foi a rotina de todos os correspondentes aqui mencionados na pesquisa.

O livro-reportagem traz essa rotina, da relação dos correspondentes de interior de TV com as suas fontes, os métodos de captura de dados, informações, e de produção do material, a relação com a capital, João Pessoa e com Campina Grande com as demais cidades na definição das pautas. Foram entrevistados os repórteres Herta Riama, Zuíla David, Monike Feitosa, Felipe Valentim, os cinegrafistas Volney Andrade, Marcelo Negreiros e Beto Silva. Monike foi a primeira repórter contratada a fazer dupla com Beto Silva em Sousa. Também desenvolveu uma relação de proximidade com a população, tendo que deixar a cidade por questões familiares. Zuíla David foi quem substituiu Monike Feitosa e ressaltou que pôde finalmente falar de assuntos rurais, algo que tinha a ver com suas origens.

Felipe Valentim foi o último repórter contratado para fazer dupla com Beto Silva. Hoje, Beto Silva segue sozinho, fazendo reportagens, coberturas por todo o sertão. Já não há mais a presença das sucursais físicas e isso deixou um enorme vazio na cobertura televisiva do interior. Uma crise econômica se abateu, no ano de 2017, sobre as empresas de comunicação no estado da Paraíba. Foi preciso encerrar algumas atividades.

Em Guarabira, foi preciso fechar o escritório. Em Sousa, Felipe Valentim foi para Campina Grande, ficando só Beto Silva, que hoje trabalha com os equipamentos em casa, fazendo produção e geração da própria casa e avança na cobertura, entrando ao vivo, por meio de links de celular. E também realiza entrevistas e faz as marcações das pautas, além das imagens.

Rafaela Gomes foi repórter em Patos, de 2015 até 2017. Ela pôde participar de coberturas históricas, como a transposição do Rio São Francisco e a chegada das águas

até o interior da Paraíba. Mas, infelizmente, com a crise, a equipe do sertão, de Patos, foi encerrada. Ainda hoje, percebemos, todos nós, correspondentes de TV no interior da Paraíba, o quanto é necessário estarmos juntos para extrair com mais fidelidade o que se vive na localidade.

Na tentativa de manter o vínculo nós, na capital ou em Campina Grande, ainda fazemos cobertura no interior, mas não com tanta frequência. O desejo é que um dia seja possível o retorno do correspondente em sua multitarefa e com o mesmo entusiasmo.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Tony; ELLis, Carolyn; JonEs, Stacy; *Autoethnography: Understanding Qualitative Research Series*. New York, NY: Oxford University Press, 2015.

ADMAS, Tony; BochnEr, Arthur; ELLis, Carolyn. Autoethnography: an overview. *HistoricalSocial Research*, v. 36, p. 273-290, 2011.

AGNEZ, Luciane F. Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais. *Tese (Doutorado em Comunicação) Programa de Pósgraduação em Comunicação*, Universidade de Brasília, julho de 2014.

AGUIAR, Sônia. Território do Jornalismo -*Geografias da Mídia Local e Regional no Brasil*. Editora PUC, Rio de Janeiro, 2016.

ANDERSON, Leon. Analytic Autoethnography. *Journal of Contemporary Ethnography*, v.35, p. 373-395, 2006.

ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed, 2009, 138 p.

ASSIS, Maria Cristina de. Metodologia do trabalho científico. In: FARIA Evangelina Maria B. de; ALDRIGUE, Ana Cristina S. (Orgs.). *Linguagens: usos e reflexões*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2008, v. II, p. 269-301.

ASSIS, Francisco de. Francisco de Assis (Org.) IMPRENSA DO INTERIOR: CONCEITOS E CONTEXTOS Chapecó, 2013.

BASTOS, Luis Gabriel. Livro-reportagem: um gênero jornalístico que vem atraindo cada vez mais pesquisadores na UFMA. 07 de Julho de 2019. Disponível em: <https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=54477>

BOCHNER, Arthur; ELLIS, Carolyn. “Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity.” In: DENzin, Norman; Lincoln, Yvonna (orgs.). *Handbook of qualitative research*, Thousand Oaks: Sage, 2000, p.733-768.

BRITO, Rosildo Raimundo de; NETO, Fernandino Rodrigues do N. Livro reportagem: uma análise da prática da grande reportagem nos Projetos Experimentais do curso de Jornalismo da Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP). XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande – PB – 10 a 12 de Junho 2010. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0544-1.pdf>

CAMPONEZ, Carlos. Jornalismo de Proximidade. Edições Minerva Coimbra, 2002.

CHANG, Heewon. *Autoethnography as method*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, v.16, n. 2, p. 221-236, 2003.

CORREIRA, João Carlos (org.). ÁGORA - JORNALISMO DE PROXIMIDADE: LIMITES, DESAFIOS E OPORTUNIDADES, Coleção: Livros LabCom, p.35, 2012.

DEOLINDO, Jacqueline da Silva. Regiões jornalísticas: uma abordagem locacional e econômica da mídia do interior luminense. Tese (doutorado). 361f. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2016.

_____. Cidade e indústrias de mídia: distinções entre metrópole e interior. In: Anais do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

ELLIS, Carolyn. *The Ethnographic I: A Methodological Novel About*

Autoethnography Walnut Creek: AltaMira Press, 2004.

ELLIS, Carolyn; FLahErty, Michael. *Investigating subjectivity: research on lived experience*. Newbury Park, California: Sage Publications, 1992.

FERNANDES, Mario Luiz. A proximidade como valor-notícia na imprensa do interior. In: ASSIS, Francisco de (Org.). *Imprensa do interior: conceitos e contextos*. Chapecó:Argos Editora Unochapecó, 2013.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HAMILTON, J. M.; JENNER, E. Redefining foreign correspondence. *Journalism*, 5(3): 2004, pp. 301-321.

MAIA, Aline Silva Correia. O Telejornalismo no Brasil na Atualidade: Em Busca do Telespectador. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – São Paulo - SP – 12 a 14 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0839-1.pdf>

MAIOR, Gilson Souto. *História da Televisão na Paraíba*, Editora A União, 2017.

MELO, Alice, PEIXOTO, Carla e FELÍCIO, Juliana. (ed.) *Correspondentes - Bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo*. Memória Globo, 2018.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo:

PALMER, Michael. William Russel, du « travelling gentleman » au « special correspondent », 1850-1880. *Le Temps des médias*, n° 4, pp. 34-49, semestre 1 de 2005.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *A História da Televisão no Brasil, do início aos dias de hoje*. 2018, São Paulo.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. 13 fev. 2013. *Revista Rumores*, Universidade de São Paulo

(USP).

Disponível

em:

<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434/72014>

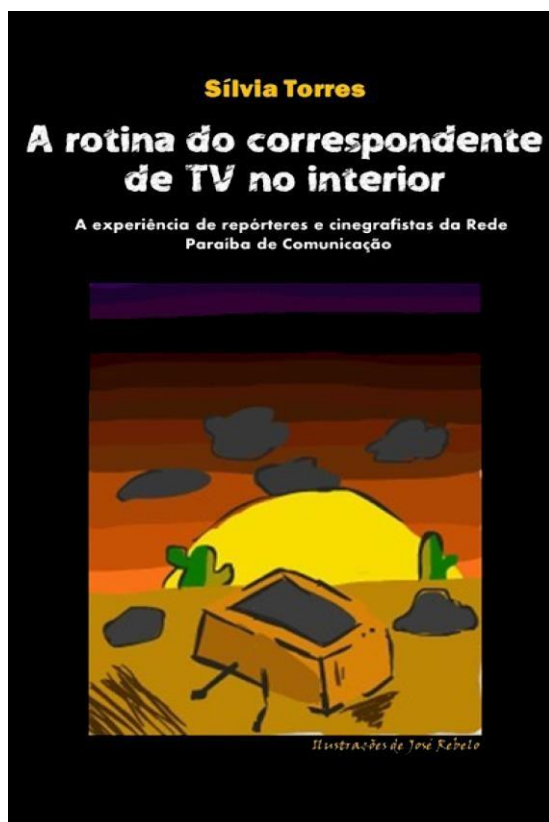
SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241.

SCHOTT, Ricardo. Rodrigo Alvarez fala sobre experiência como correspondente e livro religioso. O DIA, Rio de Janeiro, 02.05.2018. Editora: Diversão. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/diversao/2018/04/5536107-rodrico-alvarez-fala-sobreexperiencia-como-correspondente-e-livro-religioso.html>

SILVA, Gislene. Estudos em Jornalismo e Mídia Vol.II Nº 1 - 1º Semestre de 2005.
Texto do Artigo-6215-1-10-20080611.pdf

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. Insular Livros, Florianópolis, SC, 2004.

ANEXO I – A ROTINA DO CORRESPONDENTE DE TV NO INTERIOR



Aponte a câmera do celular para o QR Code abaixo e acesse todo o material:



APÊNDICE 1

Entrevista 1 com Beto Silva

Sílvia Torres: Oi Beto, tudo em paz? Querido, eu gostaria de saber primeiro como foi que aconteceu a sua contratação como correspondente de Sousa? Como foi que tudo aconteceu, em que ano?

Beto Silva: Sílvia, minha contratação para trabalhar na TV foi no ano de 2007. Marcelo Negreiros, na época trabalhava como correspondente, ele e Herta, em Patos, e a TV viu a necessidade de expandir as equipes e resolveu contratar novamente uma pessoa para trabalhar em Sousa. Isso porque, antes de mim, tinha o colega Jânio Abrantes, que foi o primeiro correspondente no sertão. E Jânio e Marcelo passaram ali uns anos dividindo a responsabilidade de levar as informações aqui do sertão para todo o estado. Infelizmente, Jânio foi acometido por uma doença, veio a falecer e Marcelo passou uns três a quatro anos trabalhando sozinho aqui no sertão. E a TV viu a necessidade de colocar mais uma vez um correspondente, expandir a equipe aqui no sertão e resolveu

procurar uma pessoa. Eu sempre trabalhei com eventos sociais, casamentos, batizados, aniversários. E um cliente me procurou aqui em Sousa para fazer um trabalho pra ele. Eu fiz o trabalho, só que esse cliente não era amigo, virou amigo depois, e esse cliente era muito amigo de Marcelo Negreiros. E quando a TV pediu para Marcelo procurar por alguém, alguma pessoa para fazer testes e tal, esse meu cliente foi procurado por Marcelo, olha você não conhece alguém que trabalhe com imagem e tal. E o cara disse, olha, eu trabalho com esse cara aqui, que foi o meu trabalho que eu tinha feito pro esse meu cliente e Marcelo levou para a TV o pessoal gostou e assim foi. Eu fui para Campina Grande, pra reunião com Ana Viana, naquela época era nossa editora regional e com Siqueira e posteriormente tinha marcado um treinamento em João Pessoa, isso no ano de 2007.

Silvia Torres: Como é a rotina do seu trabalho, conta pra mim?

Beto Silva: Silvia, a rotina do meu trabalho hoje é um pouco diferente da que era no comecinho da minha entrada na TV. Algumas coisas permanecem as mesmas, que é o que, acordar cedo, fazer rádio-escuta, fazer ronda, levantar as informações, pegar sugestões de reportagem e repassar as mais relevantes pra redação. O que mudou foi a questão de geração, de imediatismo. Porque antigamente nossa linha de comunicação, como nós mandávamos para Campina e pra João Pessoa. Era através de ônibus, era o ônibus da Guanabara. Então, todo dia, nós tínhamos que estar na rodoviária para mandar a fita por malote, para a TV editar o material em Campina Grande ou João Pessoa de tudo que foi gravado por nós aqui no sertão. Então, hoje, a rotina do meu trabalho é o seguinte, como eu trabalho só, trabalho no sistema home office, eu, acordo cedo, gosto de fazer uma rádio-escuta, faço rondas nos sites da região e do sertão e eu estou em inúmeros grupos de whatsapp e inúmeros grupos de outras cidades, isso facilita para que a informação chegue até a mim e facilita também para que eu mantenha contato com pessoas de todas as equipes do sertão. Quando eu encontro algo relevante, forte, eu pego isso aí, checo, dou mais uma aprofundada no assunto e depois de apurada alguma coisa eu repasso para a redação, seja ela de Campina ou João Pessoa e eles decidem. Ah, faz esse aí, beleza. Quando eles me dão retorno, eu entro em contato novamente com o personagem que eu achei a sugestão e marco com ele, se não for no mesmo dia, agendo um dia pra frente. Mas, por exemplo, depois que tá aprovado, ponho equipamento dentro do carro, carregado em um equipamento que é guardado aqui em casa. Ponho tudo dentro do carro, viajo para fazer essas reportagens quando não é em

Sousa, Quando chego aqui, trago material para o computador. Hoje, nós temos aqui a geração de internet, nós descarregamos o material aqui e eu faço a pré-edição. O que é essa pré-edição, , por exemplo, um personagem, a gente fez uma fala e aquela fala passou um carro de som na hora, atrapalhou, eu já corto aquilo ali, porque eu sei que não vai. E boto só aquilo que serve. Um take que não ficou legal, que morreu na hora, passou uma pessoa e atrapalhou, eu já faço esse corte, falo a pré-edição, eliminando o que não ficou legal. Faço um arquivo, gero para Campina ou para João Pessoa para ser exibido o material.

Silvia Torres: Quais foram as reportagens mais marcantes?

Beto Silva: A primeira reportagem minha no ar foi extremamente marcante, não só por ser a primeira, mas por ser um fato histórico. A minha primeira reportagem no ar foi em abril de 2007, que foi a queda da torre da igreja da matriz de Sousa, que abalou a sociedade inteira, todos os sousenses ficaram chocados, abalou a comunidade católica e virou um fato histórico que centenas de anos estará nos livros de história da cidade e eu fiz essa reportagem, minha primeira reportagem no ar. Outras reportagens foram também importantes. Na área policial, eu fiz uma matéria em Poço Dantas de um pai que foi com duas filhas a uma igreja uma oração e na volta da igreja, choveu muito e eles tinham que por um córrego para ir pra casa e infelizmente, como o pai passou essas duas crianças pequenas, perdeu o equilíbrio e as crianças soltaram a mão do pai e o pai teve que escolher qual filha salvar. Essa reportagem foi muito forte, porque eu sou pai, também sou pai de duas meninas e me senti na pele do pai. Confesso que naquele momento tive que dar uma pausa para dar uma respirada, confesso que chorei dentro do carro pra eu poder voltar a me concentrar. Uma outra matéria que me marcou muito foi uma reportagem que a gente fez em Cajazeiras, com uma criança que tinha problema no coração. E alguém viu essa reportagem e se prontificou em ajudar. Depois eu encontrei a mãe da criança, confesso que eu não lembrava, mas ele chegou pra gente e se identificou como mãe da criança e disse que depois da reportagem apareceu um anjo que ofereceu para fazer a cirurgia da criança. E graças a Deus a criança está bem. É quando a gente sabe que vale a pena nosso trabalho. Também fizemos reportagens para o Globo Rural, Fantástico, JN, mas as que eu falei agora foram as que mais me marcaram.

Silvia Torres: A partir de quando você passou a contar com um repórter?

Beto Silva: Eu passei a contar com a parceria de um repórter logo quando entrei na TV. Porque Herta trabalhava em Patos e sempre vinha a Sousa trabalhar comigo. E eu aprendi muito com ela. Nessa ida e vinda a Sousa, isso mais ou menos em 2007 e 2008. E entre 2008 e 2009, a TV resolveu trazer um repórter que foi Monike Feitosa e foi aí que a TV abriu um escritório, montou uma estrutura, com carro. Começou a surgir mais pauta pra gente fazer. Foi mais crescente a quantidade de reportagem aqui de Sousa.

Silvia Torres: Como era a relação com a população?

Beto Silva: A minha relação com a população sempre foi de muita proximidade. Eles vêm em minha a possibilidade de chegar a Campina Grande e a João Pessoa e por ser da cidade esse contato é muito próximo. É uma relação muito bacana, muito proveitosa. É muito importante ser essa ponte aqui do sertão. A população começou a ver que nós mostrávamos não só factuais, mas a cultura. É uma janela que a TV abre aqui pra o sertão, aqui na nossa região.

Silvia Torres, Hoje, como é seu trabalho sem a presença do repórter ou do repórter?

Beto Silva: Eu já estava um pouco adaptado a essa situação, porque quando eu comecei o trabalho aqui em Sousa, eu passei de 10 a 11 meses sozinho. E alguns repórteres vinham, passavam algum tempo e eu passava uns três meses sozinho. E com isso fui aprendendo a colocar a câmera de um lado, o microfone na outra mão. E agora estou só, num trabalho em home office, captando imagem, gravando entrevistas. Hoje, chego da externa, faço um arquivo com as imagens, gero, faço um texto com as principais informações, contando tudo o que aconteceu, contando o que eu tenho de imagem, de quais personagens falo na sonora. Depois, eu mando um email para o produtor, para o meu chefe direto. Lá, eles pegam meu email, leem, pegam o arquivo, fazem o texto, gravam o off. E o material é exibido, depois de ter passado por todo esse percurso.

Silvia Torres: Pra você, como impactou o fechamento das sucursais?

Beto Silva: Foi uma surpresa ver todos os meus colegas sendo demitidos. E eu também fiquei preocupado com a população. Nós éramos uma referência e achei que a população poderia ficar desassistida. Mas, a gente foi se moldando. As redes sociais também ajudaram. Com relação ao contato com a população, eu continuo da mesma forma, mas com o escritório virtual, a população nos encontrar por meio das redes sociais. A princípio, foi um abalo. Fiquei preocupado com as sucursais. Mas, é vida que segue,

Estou nesse formato, de home office e o trabalho tem seguido.

APÊNDICE 2

Entrevista com o correspondente Felipe Valentim

Silvia Torres: Primeiro, eu gostaria que você me falasse como você se tornou correspondente em Sousa. Como isso aconteceu na sua vida?

Felipe Valentim: Eu cursei Comunicação Social com ênfase em Educomunicação, na Universidade Federal de Campina Grande. Me formei no ano de 2015 e, nesse ano, eu já estava como estagiário da TV Paraíba. No finalzinho do curso apareceu a oportunidade de estagiar na produção da TV. Eu entrei em fevereiro de 2015. Em pouco tempo eu comecei um treinamento de repórter. Desde o primeiro momento eu comuniquei a Carlos Siqueira, nosso Chefe de Reportagem, que eu tinha interesse em ser repórter. Então com um mês de estágio eu comecei essa parte de treinamento. Comecei a ir às ruas, fazer algumas matérias, o acompanhamento com a fonoaudióloga da TV. E, por volta de maio, Carlos Siqueira e Tatiana decidiram antecipar esse meu treinamento de repórter. De que forma? Eu iria ainda como estagiário para Patos, acompanhar o São João de Patos. Então, ainda em 2015, como estagiário, eu fui para Patos. Fiquei em Patos durante os meses de Junho e Julho, cobrindo o São João, depois as outras coisas... fazendo matéria de Comunidade, calendário do JPB e tudo mais que acontecia em Patos e Região. Voltei para Campina Grande por um curto período, mas depois disso eu já finalizei meu curso. Foi esse meio tempo de pagar a última disciplina. Eu tive que atrasar uma disciplina na UFCG para conseguir passar os 6 meses do estágio na TV. Já tinha apresentado TCC, já tinha feito tudo. Então, passei esse curto período em Campina e voltei de vez em setembro para ir para Sousa, como correspondente. Assim que eu fui contratado como repórter da TV, já foi como correspondente em Sousa. Mas eu conto aí a minha experiência no sertão, já a partir de Patos, que foi

quando eu fui conhecendo os costumes, as tradições dos sertanejos e assim me apurando para que em Sousa eu pudesse entrar de cabeça.

Silvia Torres: Muito bem. E me conte uma coisa... por quanto tempo você exerceu a função em Sousa já e como era a sua rotina como correspondente?

Felipe Valentim: Em Sousa, eu morei um ano e meio exatamente. Se a gente for contar com os dois meses em Patos, mais dois meses... um ano e sete meses de sertão. Como é que eu desenvolvia essa minha atividade lá em Sousa. Eu junto com Beto Silva a gente era responsável por mais de 50 cidades lá do Alto Sertão, então, a gente se dividia nesse esquema de produção através do Whatsapp, contatos que a gente ia fazendo sempre que eu ia em uma cidade nova... Eu buscava fazer o contato com alguém. Podia ser só uma moradora, podia ser alguém do mercadinho, porque quando acontecesse alguma coisa que a gente ficasse sabendo, eu tinha aquela fonte para quem ligar... a recorrer nessa checagem de informações. Então, a gente sempre tinha esses contatos através do Whatsapp. Sempre lá no Sertão ainda é muito forte a questão do rádio. Em Sousa também são várias Emissoras, em Cajazeiras também. Essas notícias corriam pelo rádio de uma forma mais rápida, porque o sertanejo já acorda ligando o rádio para acompanhar as notícias, então isso também era um canal de comunicação. E, junto com Beto... Beto Silva que é o Cinegrafista lá da Região que já tem um conhecimento de tudo, que facilitava muito a produção, mas, assim, além desses fatos que estavam acontecendo, que a gente corria muito, por ser em muitas cidades para cobrir, mas a gente se dedicava muito, no período que eu estive lá a demonstrar as tradições dos sertanejos. Então, algumas vezes a gente procura cidades que não estavam acontecendo nada – eu lembro muito desse desafio que eu coloquei pra Beto, que depois de dez anos que ele trabalhava como Cinegrafista, repórter cinematográfico correspondente lá em Sousa, qual era a cidade que ele nunca tinha ido... e ele disse que nunca tinha ido no município de Mato Grosso. E a gente pensou em uma pauta de fim de ano, justamente para fazer no município de Mato Grosso que Beto nunca tinha ido. E a pauta que a gente produziu era de como o agricultor sertanejo renova as expectativas para o ano que está vindo. A gente foi lá para uma zona rural que poderia ser em qualquer cidade, mas a gente quis destacar uma cidade que nunca tinha sido vista na TV e a escolha foi esse município de Mato Grosso, que fica próximo a Catolé do Rocha.

Silvia Torres: Como funcionava a sua parceria com Beto Silva? Porque é impressionante como Beto auxiliou a todos que chegaram, que foram correspondentes em Sousa. Todos que chegavam, pelo que eu acompanhei até agora nos relatos, já se sentiam muito à vontade porque tinham esse apoio de Beto. Beto já conhecia praticamente toda a região, exceto Mato Grosso. Mas ele já conhecia todo mundo, então ele praticamente já fazia toda a apresentação, a grande recepção desse novo correspondente. Mas explica como foi o princípio de tudo com ele e essa parceria como funcionava.

Felipe Valentim: Silvia, Beto é um professor nato. Primeiramente, ele é apaixonado por Comunicação, por Jornalismo. Qualquer pessoa que tem contato com ele percebe isso. Quando chegava um novo Repórter lá, ele sempre gosta de fazer a recepção para que a pessoa se sinta em casa. Ele é acolhedor como todo bom sertanejo. Através dessas qualidades, ele deixava a gente muito à vontade para produzir. Então, a gente com o olhar de visitante, que está chegando por lá, nós, repórteres correspondentes... Então, Beto ele nos situava. A gente pensava em algumas pautas e ele dizia: “Ah, isso dá certo. Eita, essa ideia é muito boa, tem como a gente desenvolver ela em tal local... em tal cidade a gente vai ter um projeto que se encaixa nessa tua ideia Felipe”. Então, algumas ideias eu via... a gente poderia pegar de pesquisas que a gente via. Por exemplo, a gente faz muito esse tipo de ideia... você tem uma pesquisa nacional do IBGE e a gente quer uma amostra local para poder trabalhar aqueles números. Então, eu pegava esses dados e Beto dizia: “Em tal cidade, a gente vai conseguir uma estrutura assim. Uma realidade que se encaixa nesse estudo. Beto participava desde a concepção da produção, quando o Repórter pensa na ideia e, Beto também atua muito nesse desenvolvimento, não só de gravar as imagens não. Ele dá sugestão de passagem; ele dá sugestão de local para fazer a Sonora, porque vai ter a ver com o texto que você está trazendo. Ele tem muito essas sacadas. Eu lembro de uma das primeiras passagens que eu fiz lá no Sertão que foi de um homicídio. A gente queria destacar na passagem como tinha acontecido esse homicídio, através das informações que foram passadas pelas testemunhas, que o homem estava vindo (acho que foi Marizópolis a cidade) de uma outra cidade, em uma moto, quando ele foi surpreendido em uma curva na estrada por outras pessoas que fizeram uma emboscada, levaram ele para dentro do mato e o mataram. Quando eu contei a Beto que a gente não tinha imagem para cobrir esse trecho da reportagem, Beto disse: “Vamos esperar uma moto passar aqui na estrada, eu vou montar na garupa dessa moto e você vai ficar justamente na curva. Eu venho gravando já na garupa da moto, quando der a curva, você vai e diz a situação que é pra gente contar”.

Eu lembro que quando essa passagem chegou na TV, o pessoal comentou: “Meu amigo, que passagem massa. Tem que ir pra escalada. Tem que ir pra chamada do comercial”. Logo, através de um olhar do Cinegrafista, totalmente diferenciado, a gente consegue transformar uma reportagem... Um factual... um homicídio, que poderia passar despercebido, em uma matéria de destaque. Outra também que tem muito a participação de Beto, não sei se posso te contar essa história, é da matéria da minha estreia. Na TV sempre tem aquela história do repórter estreiar com uma matéria fofinha, agradável, para

causar uma boa primeira impressão. Eu tinha saído de Campina para morar em Sousa e já tinha deixado a minha matéria de estreia pronta, que era no parque da criança e tudo mais. Só que quando eu cheguei lá em Sousa, eu dei de cara com uma realidade muito complicada, que era a cidade não ter água para todo mundo. Foi em um tempo de seca que eu cheguei lá em Sousa e, o esquema de racionamento, não era efetivo. Tinha gente que passava vários dias, quase uma semana sem receber água na torneira. Quando eu passei essa informação para Campina Grande, o pessoal disse que eu tinha que fazer a reportagem. A gente começou a trabalhar no texto e tudo mais. E, não foi à toa, que Siqueira disse que minha estreia seria como aquela reportagem, porque eu tinha chegado na Região e era o que todos os sertanejos e moradores de Sousa queriam ter resposta sobre aquela situação. Então, naquela reportagem, quando eu passei as informações para Beto, a gente falou sobre o açude de São Gonçalo que estava quase seco na época, ele disse que minha passagem seria lá do meio do açude, para um banco de areia. Eu peguei um pescador que estava lá e me deu uma carona da margem do açude até o meio, onde tinha um banco de areia. A passagem de estreia na TV tinha todo o olhar de Beto Silva, que era o que: eu começava lá um enquadramento fechado e eu dizia que o açude de São Gonçalo nunca teve capacidade para armazenar tantos milhões de metros cúbicos de água e que nunca na história ele tinha estado tão seco. Aí, ele ia abrindo o enquadramento até mostrar que eu estava bem pequenininho e dizer que era o volume mais baixo da história. Dava todo um choque para o telespectador. Beto é muito afiado nesse sentido, ele gosta de participar desde a concepção, até, quem sabe, contribuindo para o processo de edição também da reportagem.

Silvia Torres: Muito bem. Ele é realmente muito bom. Agora me conte como era feita a escolha, a triagem mesmo do conteúdo jornalístico, propenso a se tornar uma reportagem. Essa triagem era feita por você, envolvia também editores da TV Paraíba. Como acontecia a escolha da reportagem, desde o factual à matéria especial.

Felipe Valentim: A gente tinha produções específicas. A gente tinha dia para trabalhar para cada jornal, então se, de repente, em uma semana tivesse... não acontecesse factuais, a gente tinha que, na segunda-feira, produzir para o JPB 1, na terça para o JPB2, na época a gente tinha um dia para produzir para o Paraíba comunidade. Então, geralmente na segunda-feira eu ia juntando essas histórias, entrava nos portais lá de

Sousa, via o que as pessoas estavam comentando, pegava número de pesquisas nacionais também, que a gente pudesse levar lá para o sertão. Muitas vezes essas pesquisas ficam concentradas na realidade de Campina Grande, na realidade de João Pessoa. Então, quando eu estava como correspondente lá no Sertão, eu buscava levar essas discussões também para lá... tipo o preço do feijão, pesquisas de educação, eu buscava explorar isso. Eu pegava e elencava essas sugestões de pauta e ligava para Campina Grande e dizia para o jornal: Eu tenho essas sugestões aqui para o seu jornal. Você quer qual?

Então, o pessoal dizia: Faz essa... próxima semana a gente faz essa outra. E da mesma forma, quando era uma produção específica para a Cabo Branco ou para o Paraíba Comunidade, que é ancorado pela TV Cabo Branco... na época Carla Arantes que era apresentadora e editora, a gente tinha muita comunicação e Carla sempre pensava assim: “Vamos ter quatro ou cinco reportagens dentro do Paraíba Comunidade, então João Pessoa faz duas, Campina faz duas e Sousa ou Patos fazem uma. Nessa época a gente tinha essa produção e conseguia produzir um conteúdo muito legal estadualizado. Eu tenho várias reportagens que a gente produziu na época no Paraíba Comunidade sobre música, sobre projetos de educação diferenciados. Eu busquei um projeto lá em Sousa, que tinha um professor que dava aulas de música em uma escola pública. Um projeto que era gratuito. Então, a gente conseguiu destacar essas coisas diferentes. Eu, junto com o Beto, elencava o que a região poderia entregar, isso dentro dessas mais de cinquenta cidades que eu te falei, e a gente passava essas propostas para Campina Grande e para João Pessoa. O pessoal da redação dizia o que a gente fazia.

Silvia Torres: E quais foram suas reportagens mais marcantes?

Felipe Valentim: Então, eu estou nesse novo momento da minha carreira, me dedicando à produção digital e, no primeiro vídeo, eu tive que explicar isso, porque muita gente até hoje pensa que eu nasci em Sousa... porque, como eu apareci primeiro na TV em Sousa e a gente teve uma produção muito importante e massiva na época que eu estive lá, as pessoas associam muito a minha imagem ao Sertão, porque além de temas muito fortes que a gente trouxe, teve esse problema da seca lá em Sousa... a gente destacou a seca em outras cidades, problemas de abastecimento em Cajazeiras que tem também um grande reservatório, mas a população também enfrenta muitas dificuldades. Mas, eu acredito também que a gente conseguiu destacar as questões

culturais do Sertão. Isso chamou muita atenção para quem estava lá. Os sertanejos que se viram representados, como também as pessoas das outras regiões do estado que não conheciam essas

particularidades dos sertanejos. Então, outras reportagens que eu gostei muito e que eu destaco pra você... a gente descobriu uma cara fã de Lampião lá em São João do Rio do Peixe. E a gente foi gravar uma matéria com ele. Foi uma matéria especial, que a gente falava justamente sobre a cultura do Lampião, que pro Nordeste ele foi um ídolo, e tinha esse homem lá em São João do Rio do Peixe que era apaixonado e dizia onde os cangaceiros tinham passado por lá. E a gente fez um material bem educativo, cultural, que era mostrando ele se vestindo, depois indo lá para a zona rural, falando de como as pessoas tinham medo, quando Lampião passava pela cidade, mas que no Lampião de São João do Rio do Peixe ninguém tinha medo. Todo mundo na cidade conhecia. Então, a gente foi na feira na cidade. Todo mundo dizia: “Lampião daqui eu conheço. O Lampião daqui não faz mal a ninguém não”. Então, foi um material muito legal. Outro também foi o de uma cidade que eu adoro que é Poço de José de Moura, que é uma cidade rica em cultura, e a gente fez materiais lá sobre reizado, sobre as marchas que eles têm pela cidade, sobre a pocicultura – um festival que eles realizam lá, que traz as traduções de antigamente. Então, além da casa, dos doces, tem o alfenim, que é aquele doce que faz com mel de engenho. Essas coisas, acho que a gente conseguiu destacar para o sertanejo. Foi muito importante nessa minha passagem lá, principalmente essas matérias que falavam sobre cultura.

Silvia: Me fale um pouquinho sobre a sua relação com a rede. Como surgiu... porque você... eu não sei se antes já tinha gente emplacando na rede. Eu acho que você quem inaugurou isso assim. Claro, os demais correspondentes que passaram tinham participação no globo rural, mas em outros telejornais, normalmente mandavam jornalistas da capital para fazer a cobertura no interior. E o que a gente acompanhou é que você conseguiu essa abertura na rede e passou a entrar em todos, exceto o JN que tem seus próprios critérios, mas você começou a entrar, fazer links... eu vi até agora, em que você decidiu sair da rede e ter seu próprio projeto, eu vi muito em Campina Grande, mas também vi suas participações em reportagens ainda como correspondente em

Sousa. E vibrei, evidente, porque a gente sabe que sempre houve essa política de se mandar alguém da capital no interior, existindo correspondentes naquela região, que,

claro, daria conta de fazer uma reportagem... de fazer um link. E você conseguiu isso. E conseguiu fazer muito bem. E emplacar com bastante segurança, tanto que emplacou muito. Me fala como nasceu a sua relação com a rede e como você conseguiu quebrar os paradigmas.

Felipe Valentim: A minha relação com a TV, principalmente lá no Sertão com a rede, é muito engraçada, primeiro porque eu entrei na TV em um novo momento em que a Rede estava se abrindo mais para os repórteres das afiliadas. Felizmente eu cheguei nesse momento em que a gente tinha mais oportunidade de aparecer, sem essa convenção de ter que ser um repórter apenas de Rede no estado... repórter da capital que ia se deslocar para fazer esses temas. E a minha primeira aparição na rede foi ainda quando eu era estagiário. Não apareci, mas eu lembro até hoje que, acredito que foi no primeiro plantão no Sertão, aconteceu um fato de um policial militar que trabalhava como mototaxista e ele estava em um posto de gasolina quando os bandidos chegaram para assaltar o posto de gasolina e ele reagiu. Quando ele reagiu, os bandidos acabaram matando esse policial. Os policiais lá de Patos se mobilizaram todos para conseguir prender os bandidos que tinham matado esse policial. Quando eles prenderam, eles fizeram um desfile em carro aberto. Colocaram os suspeitos presos em cima das carrocerias dos carros e saíram pelas principais ruas da cidade. Isso parou a cidade... e quando a gente estava acompanhando essa cobertura que a gente foi fazendo... nessa época eu trabalhava com Hércules Barbosa que era o cinegrafista da época lá em Patos, a gente fez essas imagens e eu disse: meu amigo, isso aqui tem que ir para a rede. Pra rede nacional. Eu comuniquei tanto ao pessoal de Campina Grande como de João Pessoa, não foi à toa que no dia seguinte, na segunda-feira, foi destaque no Bom Dia Brasil e, em outros jornais, esse desfile em carro aberto. Não foi à toa que a gente também fez switches desse material para que a polícia pudesse justificar porque esses suspeitos foram apresentados para a cidade toda dessa forma.

Então essa foi minha primeira experiência na rede, quando eu tinha apenas seis meses de atuação como repórter efetivo da rede Paraíba de Comunicação. Foi uma proposta que tive de Laerte Cerqueira para fazer o material que tinha sido sugerido para o Bom Dia Brasil, que era: a Câmara de Piancó tinha comprado um bafômetro, porque os parlamentares estavam indo supostamente com sintomas de embriaguez para as sessões da Câmara. Então, eu fui lá para Piancó... a gente começou a gravando na câmera, mostrando o bafômetro e o Presidente explicando porque tinha comprado esse

bafômetro... fizemos um repercute na cidade para que as pessoas dissessem a opinião delas sobre o que tinha acontecido. Só que eu e Beto, a gente sente falta de ter um dos vereadores que, supostamente, iam embriagados para as sessões. Então, da gente pegou informações na cidade até chegar a um deles. Fomos até uma loja lá na cidade, e quando a gente chegou encontramos ele em frente à loja, no posto de gasolina. Perguntei se ele se disponibilizava a gravar... que a gente estava fazendo essa reportagem sobre a compra do bafômetro, e ele disse que topada. Então perguntei o que ele achava. Ele disse que achava um absurdo ser comprado um bafômetro para uma câmara de vereadores... era um desrespeito com todos os parlamentares. E aí nessa eu perguntei: O Senhor já bebeu alguma vez antes de ir para a sessão da Câmara? Ele disse: Bebi. Eu bebo todo dia... Cinco, seis doses de Whisky, mas por recomendação do meu cardiologista. Então quando ele disse isso, eu já tinha matado a matéria. Já tinha a fala que ia fechar. Então agradei a ele e voltei para o carro. Nesse momento em que eu tranquei a porta do carro, eu e o Beto a gente vibrou, porque tinha certeza que com aquela fala a gente, a gente ia emplacar na rede. Ia ser minha estreia na Rede. Beto que já tinha mais de 50 reportagens feitas para a rede. Então a gente foi... fechei o texto e mandei para a rede. No outro dia, a matéria foi o grande destaque do Bom Dia Brasil, porque eles botaram em todas as chamadas... todas as passagens de bloco. Eles diziam: "E você vai ver daqui a pouco, o vereador que confessa que bebe na Paraíba". Aí botava essa fala. Nesse mesmo dia, o Jornal Hoje também procurou a gente, porque eles queriam alguma novidade do caso. Lembro que a gente não conseguiu desenvolver mais, porque a gente não tinha novidade nesse sentido, mas foi uma pauta que teve muito destaque no Bom Dia Brasil, e o Jornal Hoje também procurou. E quando veio essa felicidade de emplacar na Rede com essa estreia, eu me motivei e disse: vamos fazer mais coisas. E isso foi pouco antes do carnaval lá em 2016. Então eu descobri já nessas minhas pesquisas que no carnaval lá do Sertão, uma cidade... a cidade de Bom Jesus, ela realizava a corrida do Jegue, e eu fiz a sugestão dessa corrida do Jegue para o pessoal da rede. Aí o pessoal me retornou o email, dizendo que eu podia fazer a matéria, que eles iam (inaudível) ... a aposta é o que? Ela pode entrar, como pode não entrar. Faz a matéria e manda... E dependendo do tempo do jornal, se não tiver muito factual, ela entra. Fomos lá para Bom Jesus, no domingo, para produzir essa reportagem. Quando chegou lá, além da corrida do Jegue, eles também realizavam um concurso de beleza dos bichos. Entre esses bichos, tinha um casal de jumentos, que o macho era Neymar e a fêmea era Bruna Marquezine. A gente focou nisso aí e mostrou o jegódromo... onde acontecia a premiação. Neymar

ainda foi o vencedor do concurso de beleza do jumento... o jegue Neymar. Aí pronto, quando amarrei a história toda, mandamos para rede. Foi minha matéria mais exibida na rede... na verdade, na TV. Ela passou no Bom Dia Paraíba, passou no Bom Dia Brasil, JPB1, JPB2 e ainda naquele jornal... aquele da parabólica, o Brasil TV. Aí pronto, a partir daí a gente passou a produzir muito, principalmente, para o Bom dia Brasil e para o Globo

Rural. Então, tinha meses de a gente emplacar pelo menos duas reportagens no Globo Rural. No Bom Dia Brasil a gente conseguiu essa confiança, então a gente também fazia muitas reportagens lá, diretamente de Souza e das outras cidades da região do Bom dia Brasil. Então quando eu vim para Campina Grande, isso só se reforçou porque eles já me conheciam. Já conheciam o trabalho que eu desenvolvia no sertão. E algumas vezes eu voltei lá pro Sertão para produzir reportagens para a Rede também. Eu fico muito feliz de ter tido essa abertura, de ter vivenciado esse novo momento da Rede Globo, de abertura para afiliadas, e poder ter levado meu trabalho também nessa perspectiva de Rede Nacional.

Silvia Torres: E aproveitando o gancho, qual a sua relação com a população, enquanto você esteve lá em Sousa como correspondente. Eu digo isso, porque eu imagino a repercussão que a coisa já gerava no estado com você já repercutindo nacionalmente. Aquelas pessoas da região, aparecendo para todo o país. Como era sua relação com a população... como eles ajudavam na sugestão de pautas?

Felipe Valentim: A gente lá no Sertão tinha essa possibilidade de uma maior proximidade com as pessoas, então eu sempre gostei, por exemplo, de almoçar no Mercado Público lá de Sousa. Lá era um termômetro sobre o que as pessoas estavam falando, rolava muita sugestão tanto da Cultura, quanto da parte política do que estava acontecendo na cidade, e também nas cidades próximas, porque muita gente vinha das cidades vizinhas para comprar lá em Sousa. Então a gente acaba conhecendo... então era mais fácil mensurar por aí. E quando eu ia fazer as outras coisas, ia no mercado e ia fazer as coisas normais do trabalho, eu acabava encontrando muitas pessoas que diziam: “Eu gostei muito daquela reportagem... gostei que vocês destacaram tal problema”. Na rádio, principalmente, a gente percebia que quando tinha um problema no calendário JPB, um problema de comunidade e a gente destacava na TV, no outro dia, ou de tarde,

já né? Depois que já tinha passado, era o tema da discussão na rádio. A gente pautava os veículos de comunicação locais, porque tinha coisa que estava esquecida, né? Então quando a gente jogava para a Rede Estadual, todo mundo voltava sua atenção para aquilo. Era um termômetro muito bom também. A gente escutava depois no rádio se comentar sobre isso. Eu lembro que a gente teve um material muito forte, que foi o acompanhamento de uma senhora lá de Pombal... Pombal é um centro que a gente ia muito. Uma cidade Polo lá no sertão. Então a gente acompanhou uma senhora que tava com problemas para receber a medicação dela. Ela já tinha ganhado pelo menos umas três vezes na justiça para receber esse medicamento e o Governo do Estado não entregava. Então a gente fez umas três ou quatro reportagens com ela, mostrando a situação. A primeira... depois que estava demorando. E da situação dela, enfim, até que o medicamento chegou, mas quando chegou já era tarde demais. Chegou assim, mas era muito tarde, e ela acabou falecendo no outro dia de manhã. Então, essa matéria também foi muito falada lá no Sertão. Em Pombal não se falava em outra coisa, porque era uma situação que a TV Paraíba já estava mostrando diariamente e que terminou com esse desfecho. Foi mais uma coisa assim que a gente viu o impacto da TV... todo mundo discutindo, se revoltando com aquela situação.

Silvia Torres: Neste período em que você esteve em Sousa, você desenvolveu algum trabalho junto à comunidade... se você deu palestras, se houve bate papo, enfim... algum trabalho que você tenha desenvolvido.

Felipe Valentim: Minha despedida do Sertão, no último dia, foi uma palestra que eu ministrei lá em Poço de José de Moura, nessa cidade que eu disse a você que o povo é muito ligado à Cultura. Fiz uma relação que, até esses últimos meses, pouco antes de eu sair da TV, produzi matérias junto com o pessoal de Poço de José de Moura. Eu ligava para os contatos... eu fui fazer uma reportagem sobre as cidades que ainda não tinham casos de Covid, e eu produzi daqui de Campina Grande em contato com o pessoal lá de Poço de José de Moura. Então, enquanto eu estive lá, minha última participação foi uma palestra que eu fui ministrar lá na Associação Pisada do Sertão, que é um projeto cultural que existe... cultural e educativo que existe em José de Moura, que eu fui dar uma palestra sobre comunicação para os jovens que fazem parte dessa Associação. No dia, eu acordei e fui ministrar essa palestra. Quando voltei, terminei de colocar os móveis no caminhão para trazer de volta para Campina Grande.

Silvia Torres: Meu Deus. Essa parte é dura. Me conta o que que você tirou ou extraiu dessa sua vivência como correspondente de TV no interior, que você conseguiu usar em Campina Grande, e que você usa até hoje... até de repente nessa nova atividade que você tá desenvolvendo como empreendedor.

Felipe Valentim: O aprendizado de um correspondente é você analisar o processo por inteiro. Você visualiza um tema que pode virar uma reportagem. Você vai em busca dos personagens, das fontes que podem contribuir para esse material. E você, quando vai enviar o material para Campina, para João Pessoa, seja para onde for... você já pensa na logística. Vou selecionar esta passagem, essas sonoridades... Então você já tá pensando no processo de edição. Então, o correspondente, ele pensa num todo. Quando ele volta para um centro como Campina ou João Pessoa, ele tem muitos elementos do processo todo. Muitas vezes ele faz mais rápido... isso você vivenciou muito em Guarabira também. Então, quando você tem uma noção do todo, você consegue ser mais ágil e saber o que funciona e o que não funciona. Então, você pode chegar numa cidade e fazer acontecer uma reportagem. Essa vivência no sertão, ela me trouxe muita experiência, e hoje, quando eu vou produzir um material na minha empresa, é muito nesse sentido. Eu sei o que fazer. Eu digo... vai por aqui... vai nesse caminho. É com uma fala assim que a gente consegue arrematar esse material. Essa experiência no Sertão, ela me edificou muito nesse sentido desbravador. E eu que tinha que fazer dar certo. Eu e Beto juntos, nessa parceria, a gente tinha que fazer acontecer para que aquele povo do Sertão, para que aquela cultura sertaneja, ela pudesse ter um destaque que fosse Estadual, que fosse Nacional... então nós dois juntos, a gente fazia um papel de uma grande equipe, que tinha uma responsabilidade muito grande de representar milhares de pessoas, milhares de sertanejos. Então, essa responsabilidade também edifica muito a gente, quando a gente sabe que está falando, não só por a gente, mas também por uma cidade... ou uma região inteira. Então, esse aprendizado aí, serviu durante os outros anos de TV, para o que eu faço hoje, para o que eu quero para mim no futuro... tenho um carinho enorme pelo Sertão. Nesses projetos novos que eu estou desenvolvendo, eu também quero voltar a passar lá pelo Sertão, porque eu destaquei muitas histórias de lá, e tem histórias que ainda merecem mais destaque, merecem mais um aprofundamento.

Silvia Torres: Para finalizar, eu gostaria que você falasse um pouco sobre o fim das Sucursais por causa da crise, e a importância delas para o Estado e até mesmo para a composição jornalística.

Felipe Valentim: Eu acredito que elas tinham um critério que era determinante: representatividade. As pessoas, elas procuram isso em tudo. Não só na TV... Hoje a gente vê os nichos que se criam dentro de perfis nas redes sociais com os influenciadores digitais, que crescem a cada dia, porque as pessoas procuram identificação e representatividade. Então, as sucursais elas permitiam que as pessoas se sentissem mais próximas dos veículos de comunicação, especificamente do que a gente tá falando, da rede Paraíba de Comunicação. Eu enxergo isso como um passo atrás... esse fechamento de todas as sucursais do nosso Estado como uma perda, principalmente no sentido de representatividade do povo para um Veículo de Comunicação que é a televisão... que é um veículo muito grande... um veículo de massa. É um passo atrás que se dá. Eu torço muito para que em um futuro próximo, possa haver uma melhora e um investimento, para que os proprietários, não só da Rede Paraíba de Comunicação, mas também das outras TVs, que a gente viu esse cenário se repetindo, onde aconteceu muitas vezes primeiro do que a rede Paraíba de Comunicação, e dirá a essas Sucursais que existiam em Cajazeiras, em Patos e Sousa... a TV Paraíba era a única na época. Mas é voltar para trás. Todo mundo, a cada dia que passa, procura isso... procura se ver representado. Se a TV se mantiver distante, através apenas dos grandes centros como Campina e João Pessoa, as pessoas vão procurar outra saída, por isso que o rádio é tão forte no Sertão. Já era na época em que eu estava lá, imagina hoje, quando a gente não tem esses escritórios, essas equipes, produzindo diariamente... mostrando não só os problemas, não só os factuais, as coisas urgentes de cada município, mas principalmente mostrando o que o povo faz de bom, porque o povo quer se ver valorizado. Quando você não tem uma Sucursal... uma equipe próxima trabalhando, vai ser mais difícil, de que essas culturas, essas coisas boas, elas sejam enxergadas e colocadas para um grande público.

APÊNDICE 3

Entrevista com a correspondente Herta Riama

Silvia Torres: Me conta como você se tornou correspondente de TV no interior? Como foi que aconteceu essa proposta? Você já tinha se formado em Comunicação? Como foi o princípio de tudo?

Herta Riama: Eu terminei o curso de Jornalismo, me formei na UFPB em 2003, aí em 2004 teve um período que foi de greve, com isso acabei colando grau só em 2004. Logo que aconteceu minha formatura, surgiu a oportunidade da TV Paraíba e TV Cabo Branco colocar uma equipe de TV no Sertão da Paraíba que, até então, só existia o Cinegrafista na cidade de Patos, que na época era Marcelo Negreiro, e aí abriu-se uma seleção e eu fiquei sabendo e participei. Eu lembro que era para fazer uma matéria... a seleção era isso, já como se você fosse a repórter, entendeu? E eram seis pessoas que participaram e eu acabei sendo a escolhida. A televisão não estava dentro dos meus planos, até porque nem existia no Sertão, né?! Era mais aquela coisa de rádio. Gosto muito de rádio. Comecei no rádio, fui para o Jornalismo por conta do rádio, e a TV estava fora de cogitação. Eu vi que surgiu essa oportunidade. Fiz o teste e eu fui a primeira repórter do Sertão da Paraíba. Acho que no mesmo ano... eu colava grau já em março, e aí em dezembro já fizeram minha contratação e eu já comecei a atuar. Acho que fiquei uns quinze dias em treinamento em Campina, mais quinze dias treinamento em João Pessoa, e aí já vim para fazer a cobertura do carnaval, se não me engano, e aí a gente já começou atuando sem saber muita coisa, totalmente inexperiente, desbravando mesmo o Sertão. Tu sabes os desafios, porque ela já passou por aqui e é bem diferente do que a gente encontra na Capital de sair com a pauta, tudo bonitinho... E assim eu fiquei, acredito que três anos e meio nesse primeiro momento. Depois eu saí e fui para João Pessoa e fiquei mais uns três anos, acredito que na TV Clube, que hoje é a TV Manaíra, que hoje é ligada à Band. Depois eu voltei para o Sertão, porque eu gosto muito daqui. Eu sempre dizia que eu saí do Sertão, mas o Sertão não sai de mim. Quando eu morava em João Pessoa, eu sempre dizia que quando tivesse uma oportunidade, eu voltaria para o Sertão. E surgiu a I Siqueira me chamando para voltar, mas eu já não ficaria mais em Patos, eu iria para Sousa, porque na verdade a gente cobria 124 cidades eu acho, na primeira vez. Depois abriu uma equipe em Sousa, eu acho que eu fiquei com umas setenta cidades e a equipe de Sousa com umas sessenta e poucas. Aí, quando eu voltei na segunda vez, já foi para ficar em Sousa, aí eu fiquei mais uns dois ou três anos e meio, aí foi quando eu casei, tive filhos, os meninos bem pequenos, e eu resolvi sair da televisão. Porém foi uma experiência muito boa, muito

enriquecedora... é uma coisa que traz muita visibilidade e reconhecimento, experiências trocadas. A televisão favorece muito isso, e aqui no Sertão mais ainda, porque você tem que fazer a pauta, pensar, você tem que ser repórter, tem que imaginar, você tinha que praticamente fazer tudo. E eu ainda sou da época, Silvia, em que a gente mandava fita... não existia cartão, não existia internet, nada disso. E a gente mandava a fita pelo ônibus da Guanabara. Então, às vezes eu saía de Patos e ia para Cajazeiras que, olhe, é chão. Chegava lá, corria e fazia a matéria nas pressas para voltar para Patos de 12:30 que era a hora que o ônibus da Guanabara saía. Então, meu relógio, meu dead line era o ônibus da Guanabara. Eu gravava o off dentro do carro, mandava tudo rabiscado em um papel e quando era de noite saía no jornal... aí aconteceu inúmeras histórias. Eu diria que sou a profissional que sou hoje por conta da TV.

Silvia Torres: Como você foi a primeira correspondente da Rede TV da Paraíba de Comunicação, você falou que tudo era muito novo, que TV nem estava nos seus planos. Você gostava muito de rádio... você tinha uma experiência com rádio. Então, para quem já pegou a coisa andando é sempre um desafio, você acaba montando a própria rotina, mas você tinha noção, porque você já passou por uma redação. Você sabe vai precisar montar uma rede de contatos, que você vai precisar construir ideias, pautas... a diferença é que você vai ter que construir tudo sozinha, enquanto correspondente. Mas e pra você... você foi crua, sem saber de nada disso, só com um treinamento que, com certeza, não foi tempo suficiente para você ir com alguma experiência. Na verdade, você principiou tudo isso, né? Quem veio depois já veio pegando seu bizú. Como você criou a sua rotina, seu desenrolar das pautas...

Herta Riama: Tudo foi muito gradativo. Eles tinham já um cinegrafista, como eu te falei, e ele se pautava sozinho, porque ele já estava aqui há mais tempo, mais ou menos uns três ou quatro anos, que fazia as imagens e mandava pra Campina, e quando chegou a repórter, meio que a gente teve que dividir esse espaço em que eu fui aos poucos fazendo essa rede de contatos, e a internet estava ainda muito no início. Não tinha ainda essa quantidade de jovens...

Silvia Torres: Em que ano você começou?

Herta Riama: Se eu me formei em 2004, foi mais ou menos por 2004 ou 2005. Era um dia a dia muito tumultuado, porque eu trabalhava de domingo a domingo, chegava até a ser uma coisa meio insana, porque durante a semana a gente estava focada nas pautas. No final de semana, a gente ainda tinha que cobrir o futebol. Todos os finais de semana, porque era o campeonato paraibano. Tinha toda aquela fase pré, o desenvolvimento do campeonato, e isso só ia terminar lá em maio, junho. Depois já vinha o São João. Era uma coisa emendando na outra. Às vezes, a gente estava em um evento e acontecia alguma coisa como um acidente em Princesa Isabel, aí você tinha que pegar o carro e despencar para Princesa Isabel e fazer a cobertura do que aconteceu lá. Você trabalhava vinte e quatro horas. Full Time exclusivo para a TV. Ah, mas você não reclamava? As pessoas perguntavam. Não. Eu gostava. Era uma profissão que eu fazia com muito carinho e amor. E eu queria fazer aquilo. Eu era muito jovem. Tinha acabado de sair da faculdade, então todo mundo queria ter uma experiência dessas, que era trabalhar no maior veículo de comunicação da Paraíba, que é a TV Paraíba de Cabo Branco e você construir a sua história nisso. Então, eu sempre me preocupei muito com erros de divulgação, sempre tive esse cuidado. Sempre tive contato com pessoas que tinham interesse em divulgar coisas boas. Eu nunca me aproximei desse tipo de jornalista que só pensa em divulgar, como eu vejo hoje. Eu não chamo isso de Jornalismo. Eu me identificava muito com a comunidade e a comunidade se identificava muito comigo. Em pouco tempo, eu me tornei uma pessoa muito conhecida. Naquela época não existia a internet, então as pessoas paravam para assistir o que? O JPB. Ou de manhã, ou meio dia, ou à noite. Para você ter uma ideia como isso é marcante, até hoje as pessoas me param na rua e falam: “Riama, da TV Paraíba”. E ficou essa marca. Meu nome não é muito fácil as pessoas memorizarem, mas elas decoram. O desafio era você fazer as suas pautas. Você cria a sua rotina. Então, isso era construído como? De manhã cedo tinha que ouvir o rádio, que era nossa forma de ouvir o noticiário. Então, eu ouvia aqueles programas e ia fazendo um filtro das mais importantes e interessantes, por isso eu fui construindo aos poucos essa sensatez, porque você vai percebendo tipo: esse aqui quer se aproveitar de uma situação ou fulano quer denunciar cicrano, porque quer se promover de alguma forma. Então, eles querem usar o meio de comunicação para fazer política ou sei lá o que. Então, eu ligava para todos os batalhões para ter certeza. A gente tinha essa burocracia na área policial. Onde tivessem as companhias, a gente ligava, perguntando se tinha tido alguma ocorrência. Às vezes a gente alinhava isso com a redação... aconteciam acidentes na Serra de Teixeira com crianças. Acidentes da

Guanabara que morriam trinta pessoas... essas coisas bem catastróficas mesmo. Com o decorrer do tempo, não era mais a gente que procurava a notícia. Ela começava a chegar até nós, aí a gente já ia filtrando. Quando eu trabalhava em João Pessoa, eles me mandavam ir cobrir uma pauta, o repórter só me falava o que tinha acontecido e eu ia. Eu sabia que eu ia dar conta, porque eu já estava acostumada a fazer isso no Sertão. No Sertão era assim: a gente ia sem saber o que ia encontrar lá. A gente não tinha isso de ligar, agendar... nada disso. Até pelas condições. Celular? Minha Nossa Senhora... eu ligava de telefone fixo. Detalhe: era somente o cinegrafista e eu. O nosso escritório era o carro. Depois de algum tempo, eu diria que na segunda vez, já tinha uma estrutura de escritório. Mas até então não existia. Imagina você trabalhar desse jeito? Eu trabalhava da forma que hoje o mercado está exigindo. Parece meio paradoxal, mas a verdade é essa. Hoje o mercado exige esse profissional multitarefas... e eu já era há 10 anos. Pra mim foi muito enriquecedor. Era muito bom quando você via o pessoal pagar para ver uma reportagem sua que ia passar naquele dia. Isso era uma emoção. Você pensava: Eita, eu sou muito importante. Eu vou dar uma entrevista hoje na TV Paraíba. Então, a construção foi muito gradativa. Eu fui fazendo as coisas todas certinhas, organizas. Foi isso que me deu esse respeito aqui no Sertão. Elas viam que eu fazia aquilo com muito carinho e respeito.

Quando eu voltei pela segunda vez, já estava tudo bem diferente. Já tinha se passado uns seis, sete anos. Já tinha escritório, uma internet boa. Eu já tinha um horário fixo para trabalhar. Não era mais aquele Full Time. Ai eu também peguei essa evolução. Continuei fazendo o trabalho que eu fazia antes. Tive excelentes companheiros de trabalho. Isso é inquestionável. Isso foi muito importante. Meu primeiro cinegrafista foi Marcelo Negreiros. Depois veio Beto Silva. Primeiro a TV colocou cinegrafista nas duas cidades. Quando eu entrei, decidiram colocar um cinegrafista em Sousa, porque aí ficariam dois cinegrafistas e uma repórter. E eu me desdobrava nessas duas cidades. Eu ia pra Sousa e ficava lá dois, três dias. E o povo lá sofrendo com tanta chuva. Depois peguei outra chuva em Patos. O povo desabrigado. Sabe aqueles cenários de guerra? Aonde me mandasse eu ia de boa. Isso não era um problema. Pelo contrário, eu sempre encarei o trabalho como uma coisa muito prazerosa. Isso me fez crescer muito profissionalmente. Eu não colocava obstáculos... eu os tirava da frente. Eu meio que tinha aquele sentimento de empatia. Eu tentava entender o que estava se passando. Eu queria falar com a pessoa para que ele visse que meu interesse era ajudar, e não querer usar de alguma coisa para me promover. Acho que por isso eu fui muito bem-sucedida

em tudo que eu fui fazer. Você sabe que tem muitos repórteres que fazem corpo mole. Joga muito em cima do auxiliar. Eu nunca tive um... vale lembrar. Vocês estão vivendo o que eu vivi há dez, doze anos. E às vezes a gente reclama, porque quando eu estava em João Pessoa, eu via meus colegas reclamarem. E eu sempre dizia que no Sertão a minha realidade sempre foi dessa maneira.

A gente não tinha isso de fazer um vivo, porque a gente não tinha nem escritório, imagine fazer um vivo. E eu via que tinha muito preconceito com as pessoas do Sertão, aí é onde entra a fase ruim. E que bom que as pessoas do Sertão se valorizam, porque eu lembro que quando eu fui pra João Pessoa, algumas pessoas diziam: Nossa, como você evoluiu. Já está na capital? E eu não entendia por que eles achavam que aquilo era uma evolução. Eu estava desbravando aquilo lá. Eu queria ver se fosse esse povo que tá acostumado a sair com tudo pronto é só colocar o microfone na boca do entrevistado, tá tudo pronto, se eles dão conta de desbravar esse Sertão como a gente fazia. É muito fácil você vir falar aqui das dificuldades. Dificuldade é o que a gente vivia aqui há dez, doze anos. Aí, depois que foi Beto em Sousa, decidiram colocar uma repórter em Sousa (eu acho que foi Zuíla ou Monique). Ficou uma equipe em Patos e uma em Sousa. Mas aí era tudo bacaninha. Tinha estrutura de escritório, carro... E assim foi e ficou por um tempo. Depois eu saí da TV e as coisas continuaram, e agora nem escritório não tem mais né? E eu lamento muito. Fico triste em saber que... assim, eu fiz parte dessa história e hoje em dia não tem mais, só tem Beto, único cinegrafista para cobrir o Sertão inteiro, fica lá em Sousa.

Silvia Torres: E me conte uma coisa, só pra gente é.. Ter essa sua cronologia completa. Você disse que entrou em 2004 e você passou na primeira fase. Você passou três anos como correspondente. Na segunda fase você entrou em que ano e ficou até que ano?

Herta Riama: Eu fiquei com João Pessoa e eu acredito que eu voltei em 2013. Eu acho que foi 2013 ou foi 2011.

Silvia Torres: Aí, já foi pra Sousa né?

Herta Riama: Isso, porque aí já foi pra Sousa. Eu não lembro ao certo, mas eu acredito que foi entre 2011 e 2013, alguma coisa assim, e aí já fiquei em Sousa. Fiquei um

tempinho lá em Sousa, aí aconteceu da repórter que estava em Patos... nessa aí eu lembro, que é da Isabela, ela saiu, aí quando ela saiu, eu pedi pra Siqueira para vir pra Patos. Eu fiquei pouco tempo em Sousa. Acredito que eu fiquei só uns 7, 8 meses em Sousa, e surgiu essa vaga em Patos. Eu vim pra Patos, ai foi alguém pra Sousa, que aí eu não sei se na época foi Laisa que foi pra Souza ou... Não, acho que foi Laisa que foi pra Sousa. Eu vim para Patos e ela foi pra Sousa e depois de Sousa, eu fiquei grávida. Depois fui para Campina, fiquei ainda um tempo em Campina. Depois desse tempo em Campina foi quando eu saí da televisão, porque aí foi na fase que tive filho e precisei sair, mas acredito que o ano foi esse.

Silvia Torres: Bom, vamos lá. Eu queria que você me falasse um pouquinho como é que funcionava a seleção de conteúdo pra uma propensa pauta?

Herta Riama: Essa seleção de conteúdo, eu diria que ela era feita muito por instinto. Aquele time do jornalismo, de você ver se aquilo dava ou não uma matéria legal para o momento. Porque para nós, que éramos repórteres do Sertão, ter uma matéria a nível nacional no Globo Rural era como se fosse um prêmio. Às vezes a gente ia fazer uma matéria que você não dava nada por ela. Era uma matéria de chuva “choveu no sertão”. Como outra qualquer. E de repente, você emplaca essa matéria no Globo Rural. Aquilo ali era uma felicidade. Esse critério partiu muito disso. Esse bom senso. Esse feeling que você vai apurando no seu dia a dia. Você vai percebendo. Eu já ganhei um prêmio. Eu pensei, quando fiz as minhas matérias: “vou inscrever essa matéria aqui em determinado prêmio, porque isso aqui é uma coisa que é muito bacana e o mundo merece e precisa saber que existe esse projeto social que ajuda criança, por exemplo, tá?”. Então é mais ou menos isso. Às vezes, a gente tinha essa conversa com a redação, o quê que eu sentia? Querendo ou não, as redações ficavam meio distantes da realidade do Sertão, então eu meio que menosprezava o repórter aqui do Sertão. Essa é a verdade. É como se fosse assim... se fosse acontecer uma coisa muito excepcional. Aí tinha que mandar um repórter de João Pessoa pro Sertão. Eu sempre questionava isso. Eles respondiam: “tem que mandar porque é uma matéria especial que vai pro Jornal Nacional”. Lembra que antigamente tinha essa coisa? O repórter de rede tinha que ser pau. Na Band isso não acontecia, então eu me sentia muito feliz quando trabalhava lá, por conta disso... dessa valorização. Se a matéria fosse boa podia ser quem fosse que fizesse, a matéria daquele repórter vai, com aquele sotaque, sem sotaque, com aquela

roupa, sem aquela roupa e ia... era o profissional, desvalorizam o profissional, mas aqui não na TV Paraíba eles tinham muito isso. Então quantas e quantas vezes foi preciso vir Hildebrando, Bruno... Quem mais eram considerados repórteres de rede? Foi ainda na primeira fase quando Hildebrando trabalhou. Foi nessa segunda. Então você começava a questionar, mas acontecia o quê? Se era no Sertão então tem que mandar uma pessoa mais capacitada para fazer. Eu achava isso errado, sinceramente, era melhor você capacitar a pessoa pra ela chegar naquele nível que acha que é o nível certo, do que ter essa discriminação e na verdade acontecia mesmo sabe? Quando tinha... por exemplo, tem um caso que é muito emblemático, no período dessa chuva, eu lembro que mandaram Hildebrando fazer. Pra você ter ideia a gente fez tudo, nesse negócio dessa enchente, Hildebrando veio pra Patos para fazer uma passagem. Porque?! Porque ele era um repórter de rede, então ele tinha que vir porque a matéria tinha que sair toda no nome dele. Hildebrando fazia a passagem e voltava para João Pessoa com todo nosso material, com todas as nossas informações, com todas as nossas entrevistas, aí quem saía era eles, entende? Então existia muito isso. Lembro que uma vez o Caco Barcellos veio pro Sertão fazer uma matéria, quando ele chegou aqui, de repente ele me liga, eu estava em Patos, coincidentemente, eu recebi aquela ligação e pensei: Nossa senhora, o que Caco Barcellos está ligando pra mim? Ele disse: “ah, eu sei que você é repórter aqui e tal e me passaram seu contato, queria saber se você me ajuda em algumas produções. Eu corria e fazia tudo que ele precisava, agilizava..., mandava ele pra Sousa, logo eu que era fã do Caco B. Eu tinha livros dele, aquela coisa toda (era o ícone da pessoa terminando jornalismo) e aí quando ele veio fez tudo muito grato, voltou por Patos, ligou pra mim para poder falar comigo, se despedir, agradecer tal. Quando eu olho a matéria no fantástico e vejo que ele colocou lá: produção Herta Riama. Então pra mim, aquilo ali é como se fosse um prêmio que eu ganhei. Uma matéria minha saiu, aliás, o meu crédito saiu numa matéria do Caco Barcellos. No fantástico, num domingo à noite, pra muita gente isso não importava, mas pra mim, naquele momento, naquela época, era importante essa valorização. O reconhecimento. Teve um caso também de uma matéria que eu fiz com uma investigação bem marcante, que era um escândalo envolvendo a cidade de Patos, São José de Espinharas... eu estava com o material todo pronto e a emissora disse: “Pronto. A gente não vai mais querer, porque envolve política, denúncias”. Você vai ver o interesse da empresa e não da imprensa.

Silvia Torres: E quais foram as reportagens que mais marcaram?

Herta Riama: Tiveram várias, mas eu acho que essa da época da chuva foi uma muito forte, porque mexeu muito com o sofrimento do povo sertanejo. Tem também as inspiradoras, de pessoas que desenvolvem projetos para enaltecer o Sertão, porque a gente vê muito um lado de críticas. As pessoas só falavam mal do Sertão. Teve uma de um senhor cadeirante que fazia tudo sozinho. Ele pescava, fazia a feira... tudo. Essa mexeu muito comigo, porque ele tinha muito para ensinar pra gente. Outra de uma senhorinha lá perto de Sousa, que ela mora bem próximo à pista, na BR. Um sol quente. Tudo seco. E só na propriedade dela estava tudo verde Essa matéria foi uma das que a gente colocou no globo rural, e porquê? Porque chamava muita atenção aquele verde todo. Parecia um pomar, a casa da mulher, no meio do sertão seco, e todas as casas não tinham nada, só a dela estava daquele jeito. Era planta que ela regava, broteira, enfim, uma série de coisas. Um jardim... uma coisa mais linda. Eu ficava vendo... e o sertanejo antes de tudo forte, então essas histórias marcaram... tem as das crianças aqui que ganharam um prêmio nacional e eles eram alunos de 5ª série e foi repercussão nacional, praticamente, porque a criança do Sertão da Paraíba tem toda dificuldade e ganharam um prêmio, viajaram, foram para São Paulo, se encontraram com o presidente da república. Acho que na época era Dilma e eles foram receber esse prêmio das olimpíadas de matemática, era alguma coisa assim. A gente foi nessa cidade para mostrar como era possível ter educação. Era uma professora sozinha com esses alunos. Umas dez, doze crianças e ela conseguiu ensinar... mas com tanto amor e dedicação, que as emissoras de João Pessoa vieram. Outras emissoras de fora também vieram. Lembro que no dia que fui gravar com ela tinha uma equipe da China que tinha vindo gravar aquela mulher para saber o que ela tinha feito com essas crianças, que tinha desenvolvido tanto pra eles poderem ganhar até prêmio. Foi uma coisa bem bacana que me marcou muito. Eu lembro bem dessas histórias, entre outras que tiveram, que foram assim muito legais, muito bacanas mesmo;

Silvia Torres: Herta, me fala um pouquinho sobre sua relação com a população. Você já adiantou um pouquinho que você se tornou a representante, não só da cidade, mas também da região, ainda mais sendo a primeira correspondente de TV. Imagina o impacto que você gerou. E é tanto que hoje seu sobrenome não é só Herta Riama, mas é

Herta Riama da TV Paraíba e ainda é, e isso eu sei porque um dia eu fui à Areia de cabelinho curtinho e me confundiram, disseram: “olha a Herta”. Eu quase disse: Meu nome é Silvia. É como você disse, não é um nome comum, mas que acabou se tornando comum para toda uma região, e quiçá para a Paraíba e para fora da Paraíba, mas me fala um pouquinho da relação que você construiu com a população, relação de proximidade, como era essa parceria e a população... a grande maioria acreditava no trabalho de vocês, creio que eles ajudavam a passar a informação que se tornaria, lá na frente, uma pauta. Como que era essa relação?

Herta Riama: Eu diria que a relação com a população era a melhor possível, porque o povo ainda é muito carente, se hoje eles são carentes, imagina naquela época, em que as pessoas sofriam ainda mais por água, por comida, por exame. Quantas vezes eu não fui para o hospital fazer outra coisa que não tinha nada a ver... uma desgraça. Então hoje parou de fazer homicídio, acidente, essas coisas todas que mexem muito com o emocional da gente. Eu não gosto. E a gente estava para fazer isso. Chegava uma pessoa... uma mãe de família, um pai de família: “Moça, você trabalha na televisão, meu filho tá aí, precisa de uma cirurgia, por favor, já que você tem esse microfone na mão, faça alguma coisa por ele”. Eu dizia: olha, infelizmente eu não tenho o que fazer, de que forma posso ajudar a senhora? Eles me pediam para falar com a diretora, falar com o médico, pedir para fazer alguma coisa. Aí, eu fazia a entrevista, tal. Depois dizia: doutor, o filho dela tá precisando do senhor. Tá precisando de uma ajuda. É só o senhor atender, atenda aí essa mulher; Existia sim essa relação, porque o diretor do hospital, seja lá o que for da instituição, quando você está com a imprensa, eles te respeitam. Isso é fato. E aquela pessoa que tá lá na frente do hospital é só mais uma. Então existia muito isso. E eu me comovia muito com isso. Pra mim era que, naquele momento, eu podia fazer alguma coisa por aquela mãe. Então, ela se tornava amiga, porque naquele momento eu poderia ajudá-la. O fato de eu estar ali como uma pessoa que o diretor do Hospital certamente ia ouvir... E isso não é só no Sertão não, em João Pessoa acontece a mesma coisa. É só você ir na frente daquele Trauma lá que você vê o sofrimento das pessoas. Em relação à comunidade, a TV Paraíba tinha um quadro muito legal que era “Paraíba Comunidade”. Você ia nos bairros para mostrar o sofrimento das pessoas. Era esgoto, eram galerias... fazia um sucesso. Aquilo chamava muito atenção. Tinha outro também que era “Desaparecidos”, que a pessoa trazia foto da pessoa que estivesse desaparecida.

Esse quadro chamava muito atenção. Normalmente o povo fazia fila quando a gente ia gravar. A gente fazia o bem e isso ia se popularizando. As pessoas iam conhecendo e comentando. Mas aí também tinha o lado complicado, que era o dos gestores, porque quando você agrada a população, você desagrade o gestor. Então, eu tenho esse lado, porque as pessoas acham que eu só arrumo confusão. Eu já tinha cara de denúncia. Eu ia atrás mesmo... saber se tinha recurso desviado. O que fosse. Eu absorvia aquele dor pra mim e queria resolver. Depois eu percebi que não era bem assim, mas com o tempo você vai tendo essa maturidade.

Silvia Torres: Enquanto você esteve como correspondente de TV no interior, você desenvolveu algum trabalho paralelo, palestrou ou participou de rodas de conversa.

Herta Riama: Antes tinha a FIP, que era uma Universidade de Jornalismo. Eles sempre me convidavam para fazer parte do início da jornada acadêmica. Eu sempre ia ministrar oficinas, dar palestras. Às vezes era só uma fala mesmo em uma determinada aula. Existe uma curiosidade muito grande por parte dos alunos de Jornalismo em querer saber como é essa rotina no Sertão da Paraíba.

Silvia Torres: Dessa sua vivência como correspondente de TV no interior, o que você ainda utiliza nessa sua fase atual como jornalista?

Herta Riama: Eu hoje tenho uma empresa de comunicação, a “Esplendor e Comunicação”. Meu foco hoje é trabalhar assessoria de comunicação para a área de saúde, principalmente para médicos. Então, eu utilizo muito. Tem outros projetos pessoais que eu tenho que é o “Falando de obesidade”. Eu me segmentei muito nessa área de Comunicação, voltada para a saúde. E dentro dessa área, eu escolhi o tema obesidade para falar sobre isso. Eu fico entrevistando médicos, enfermeiros... esse universo de especialistas na área para falar sobre obesidade. Eu saí da TV, mas hoje eu estou meio que na internet.

Silvia: Qual a sua opinião em relação a manutenção das sucursais? Porque com a crise houve um enxuga... e só tem Beto hoje em Sousa.

Herta Riama: Eu fico triste, porque o Sertão merecia ter uma equipe como tinha antes. O Sertão tem grandes histórias. Tem lucro. Se você colocar um departamento comercial para vender, você vende. E o sertão, ele é rico em várias esferas. Patos, geograficamente falando, é uma cidade privilegiada por ficar perto de outros dois estados: Pernambuco e Rio Grande do Norte. Então, isso favorece a economia local. Se você for fazer uma análise dos últimos dez anos, a FIB hoje é um pólo de educação. Eles começaram como uma instituição que se chamava Chiquinha. Era até engraçado, porque com esse nome, o povo tinha até vergonha de dizer que tinha se formado lá. Era como se fosse a última opção. Hoje é a instituição que é. Então, por isso eu acredito nesse potencial do Sertão, por isso eu ainda estou aqui.

Eu não sei como o gestor pode pensar que uma região como essa não tem valor. Tem as TVs locais, só que às vezes falta gestão, falta empenho, falta vontade, e entra naquela zona de conforto e de comodismo. Eles pensam que é pouco resultado, mas claro se você não tem uma equipe boa que vai às ruas e que vendem. Se você faz um jornalismo meia boca e não valoriza os profissionais da região. Custava ter uma janela com as notícias do Sertão? Só que o Sertão tem potencial. Isso é fato. A TV perdeu 'o time de como fazer isso' depois da internet. O povo daqui quer saber notícias daqui. Eles não querem saber o que está acontecendo fora. Por que o Paraíba Comunidade fazia sucesso? Porque o povo se via. Não eram apenas as autoridades. Hoje em dia, você tem matérias como: vamos mostrar as cores de parede que ficam legais para o verão. São realidades muito diferentes. Porque a TV não vem aqui e faz um debate com os candidatos a Prefeito de Patos. Teve uma que fez... a Arapuan. As outras não vêm, mas querem ter audiência no Sertão. Eles só dão ênfase ao famoso. Mas hoje em dia, com a internet, todo mundo é famoso. Eu acredito que eles perderam muito com isso. É muito lamentável. A justificativa é que não tem lucro. Tem lucro sim.

Silvia Torres: Pra gente encerrar, você se sente orgulhosa em ser a primeira correspondente do Sertão?

Herta Riama: Muito. Muito grata a TV Paraíba pela oportunidade que eu tive de Ana Viana e Carlos Siqueira me deram para que eu aprendesse no dia a dia, porque eu não sabia de nada. Na faculdade a gente não aprende nada. A gente finge que aprende. Foi muito gratificante ter sido a primeira repórter e ter participado de momentos tão

importantes para a TV Paraíba, que foi a chegada do sinal digital hoje presente, tanto em Sousa, quanto em Patos. Era importante saber que não precisava vir um repórter de João Pessoa para fazer, porque nós estávamos aqui. Teve um projeto também que foi o “Jota PB na praça”, que foi muito marcante. Teve também o “Caminhos da Paraíba” onde a gente só mostrava as coisas boas do estado. Então, eu só tenho a agradecer. Sou muito grata à TV Paraíba. Tive meus problemas com a TV, por conta de relacionamentos com colegas de trabalho, perfis comportamentais que não são compatíveis, mas isso é superável. Questões até com a gerência, por conta de chefes que não entendem a realidade local.

APÊNDICE 4

Entrevista com o correspondente Volney Andrade

Silvia Torres: Volney, como foi que aconteceu o convite para trabalhar na TV Cabo Branco, na sucursal de Guarabira?

Volney Andrade: Sílvia, o convite partiu de Giuliana. Giuliana me pediu pra eu ir na TV, conversar, eu fui. E pra mim foi maravilhoso. Também teve a barreira da habilitação. Aí, graças a Deus eu venci esse medo, essa barreira, tirei minha habilitação, fiz as coisas certas e graças a Deus até hoje eu estou na empresa muito feliz, muito satisfeito. Foi isso. E agradeço a todos pela oportunidade que me deram. Eu trabalhava em outra empresa e hoje, graças a Deus eu tô numa empresa muito boa, muito bacana que eu adoro.

Silvia Torres: Pra você, quais foram os momentos mais marcantes na reportagem?

Volney Andrade: Os momentos mais marcantes pra mim era as reportagens policiais, que a gente saía de madrugada, entendeu. Era a Festa da Luz. Os factuais que aconteciam na região. Várias coisas, nunca faltava. Era muito dinâmico, nossa vida era uma correria danada. Eu gostava. Gostava mesmo.

Silvia Torres: Como era a rotina pra você? Você acordava de que horas, você ouvia rádio, de que horas ia para o escritório?

Volney Andrade: Minha rotina era dormir cedo para acordar cedinho, correr atrás das notícias, viajar. Era viajar pela manhã, viajar pela tarde, ir pra sede, ficava até umas cinco horas da tarde, seis horas e de manhã cedo começava tudo novamente. Era uma rotina boa, eu gostava muito, muito mesmo.

Silvia Torres: Pra você, qual foi o momento mais duro quando fechou a sucursal. Quando você recebeu a notícia, soube que ia continuar, mas quando viu levando os móveis, como foi pra você?

Volney Andrade: Sobre o fechamento da sede, Silvia, quando eu fiquei sabendo (respiração e pausa), foi uma coisa que eu fiquei sem acreditar. Caiu tudo sobre minha cabeça, eu fiquei... eu fiquei muito triste quando eu vi a saída dos móveis, da notícia, porque não ia ter mais a sucursal.

APÊNDICE 5

Entrevista com a correspondente Rafaela Gomes

Silvia Torres: Como aconteceu sua contratação em Patos?

Rafaela Gomes: A minha contratação pra Patos, na Paraíba, foi uma felicidade enorme pra mim. Porque eu trabalhava na TV Correio, em Campina Grande. Campina Grande não era minha cidade natal, Patos é minha cidade natal. E aí, a TV Correio nesse processo, já, naquela época, era por volta de 2014/2015, tava atravessando um momento de crise e de enxugamento de pessoal. E como eu era recém contratada, acabei saindo nessa leva. A TV Correio já naquela época, tanto reduziu o quadro de pessoal, quanto encerrou os trabalhos de uma sucursal que existia em Cajazeiras. E aí, eu voltei pra minha cidade, Patos, e soube que a TV Paraíba estava a procura de alguém para trabalhar como repórter na cidade de Patos. Enviei o meu currículo e fiquei naquela ansiedade, naquela espera. E passei pela felicidade de Carlos Siqueira me fazer uma ligação, Carlos Siqueira que é o chefe de redação da TV Paraíba em Campina Grande, fui para Campina Grande para participar de uma entrevista com ele. Inicialmente, eu iria passar só três meses. Eram três meses só substituindo um repórter, só que aí, eu fui efetivada e acabei passando três anos na TV Paraíba. E foi por aí.

Silvia Torres: E como foi seu início de trabalho em Patos?

Rafaela Gomes: A minha chegada aqui na cidade, para executar esse trabalho, foi muito positiva pra mim, porque eu já conhecia bastante as pessoas. Então, o trabalho era mais fácil, porque você já tem uma familiarização com a cidade, com a região, com as pessoas. E eu me sentia como se eu tivesse, além de ser de Patos, representando Patos para todo o estado. E isso era muito significativo pra mim, pra minha família e para as pessoas que me conheciam e já naquela época gostavam do meu trabalho.

Silvia Torres: Como acontecia sua rotina de trabalho?

Rafaela Gomes: A minha rotina de trabalho, diariamente eu tinha que procurar por, é... fontes, através do whatsapp, principalmente, né. Ali, o whatsapp, entre 2015 e 2019 que foi meu último ano na TV, já era muito forte nos grupos de informação. E eu estava

dentro dos grupos que compartilhavam informação. Com polícia, Ministério Público, e todas essas fontes oficiais. E eu ia buscando essas informações, vasculhando esses grupos diariamente. E aí, com o passar do tempo, eu fui começando a...as pessoas começaram a me conhecer, e a me procurar, ou através das redes sociais, ou através desses próprios grupos, para fazer suas denúncias, de trabalho voltado para o jornalismo comunitário, denúncias nessas cidades e tudo mais. Então, todos os dias eu ia lá, buscava uma pauta que fosse importante e eu tinha que entregar diariamente uma reportagem pronta, completa.

Enquanto numa redação normal, João Pessoa, Campina Grande, o repórter chega lá e pega duas, três pautas, duas pautas e um vivo e executa, a gente aqui, a gente se pauta, vai pra rua executar a reportagem, faz uma pré-edição de imagens e de sonoras e de texto, e envia aquele material. E tudo isso tem que acontecer num dia, colocando nisso também o tempo de viagem entre uma cidade e outra. Então, às vezes eu tava em Patos e acontecia uma coisa em Monteiro que fica a duas horas e meia de viagem daqui. Outro dia podia acontecer uma coisa em Quixaba que dá uns 15 minutos de Patos. Então, era muito relativo. Ao todo, eram 53 cidades. Então, eu vivi uma vida, onde, na maior parte do tempo, o carro era o meu escritório. Era o local onde eu gravava o off, era o local onde eu escrevia o texto, enquanto o meu cinegrafista estava dirigindo e era essa loucura.

Silvia Torres: Quais foram suas reportagens mais marcantes?

Rafaela Gomes: Pra mim, tiveram muitas reportagens marcantes, mas, eu acho que duas reportagens que muito me marcaram foram a reportagem quando um açude, o açude Barreiros que tinha sido feito para a transposição do Rio São Francisco arrebentou. E esse açude tendo arrebentado, isso atrasou a entrega da primeira fase das obras da transposição do Rio São Francisco. E a gente estava há um mês já viajando direto pra cidade de Monteiro, para cobrir essa chegada das águas da transposição. Tinha agenda com o presidente, na época Michel Temer, pra lá. Então, a visita de um presidente a uma cidade do cariri paraibano, para entregar uma obra dessa magnitude era algo muito histórico. E aí, aquele rompimento já demonstrava a fragilidade daquela, né. Uma obra muito grande, muito esperada, num momento de muita seca, onde Campina Grande estava vivendo uma situação muito triste por causa, tanto Campina quanto outras 19 cidades ali do cariri, até a região que se aproxima de Campina Grande.

E aquilo foi muito frustrante para o povo em geral. E eu pude acompanhar aquilo de perto. Eu lembro que, na época, essa coisa de drone não era tão popular e aí me ligaram dizendo assim, Rafa, o Globocop tá indo de Recife pra aí, para fazer imagem do rompimento dessa barragem, você vai poder usar na sua reportagem, E aquilo pra mim, eu disse, cara, olha o quanto é importante isso tudo que está acontecendo, porque, olha o investimento que a emissora tá fazendo, pra gente trazer esse factual. É um fato muito forte. E aí aconteceu tudo que a gente previa, atrasou a obra, atrasou a vinda do presidente, atrasou um universo de coisas e principalmente a chegada da água, né, à região de Campina Grande. E teve uma segunda reportagem que eu fiz na cidade de Piancó, que uma mulher nos procurou, porque ela estava com medo de ser assassinada pelo marido, e ela estava desesperada, porque ela não estava encontrando ajuda. Ela esteve na delegacia, e segundo relato que ela me fez durante a reportagem, o delegado que a atendeu perguntou a ela, você tem certeza que você caiu de uma escada, não bateu o olho, ou o rosto no guarda roupa pra você tá com esse olho roxo. E aquela fala do delegado que ela reproduziu na sonora, aquilo repercutiu a nível nacional. E aí, o trecho foi parar no G1 dessa minha reportagem e do G1 foi mencionado no programa de Fátima Bernardes e do Programa de Fátima Bernardes, aquilo foi mencionado no episódio de uma novela da Globo, eu disse, meu Deus, olha o papel social que eu tenho. Porque, através dessa matéria, a segurança do estado da Paraíba delegou um outro delegado para acompanhar exclusivamente o caso dessa mulher e afastou do cargo o delegado que fez esse procedimento errado na abordagem com essa vítima de violência. Então isso me abriu muito os olhos para a importância do trabalho que eu desenvolvia. E que às vezes no dia a dia a gente não tem noção do nosso papel de responsabilidade social.

Silvia Torres: Como foi o processo de encerramento das atividades da sucursal de Patos?

Rafaela Gomes: A sucursal aqui em Patos, respondendo a outra pergunta, ela funcionava inicialmente em um escritório, no prédio Milindra Empresarial, no centro da cidade. E aí a gente passou, eu particularmente até o meu desligamento da TV, a gente passou uns dois anos lá. Numa tentativa de não fechar, de não encerrar o trabalho da gente aqui, a TV fechou o contrato com esse escritório e a gente passou a trabalhar em home office. Então, o escritório foi montado na casa do meu cinegrafista, na época o Hércules Barbosa, a gente ficou trabalhando da casa dele, com toda a estrutura, que antes era de um escritório próprio e passou a funcionar em casa. E aí, eu me lembro do

dia que a gente foi desligado de que não foi só um desligamento, né. Veio um caminhão para levar uma mudança pra Campina Grande. Aquilo foi, foi muito... eu fico querendo me emocionar (enche olhos de lágrimas), foi muito marcante e muito triste pra gente. Ver aquela história da TV sendo encerrada daquela forma aqui.

Silvia Torres: O que poderia ser uma pauta?

Rafaela Gomes: Uf... É, a decisão do que é que viraria pauta...Eu apresentava todos os dias um leque de possíveis reportagens, com base naquilo que eu apurava de mais importante na região. Então, eu fazia um filtro. Um acessava todos os sites da região, Santa Luzia, Patos, Teixeira, Sousa, Pombal, toda região desse cinturão que envolve Patos. E a partir daí, eu via o que de mais interessante tinha acontecido, ia levantando as pautas e ia oferecendo que eram o Bom Dia Paraíba, o JPB primeira edição, JPB segunda edição e o Globo Esporte. E aí, a partir dessas minhas sugestões de pauta, em debate com o editor, em debate com o produtor de cada programa, a gente ia trazendo o que era definido em conjunto, Rafaela e o editor de Campina Grande. E era desse jeito que era tomada a decisão.

Silvia Torres: Como era sua relação com a população?

Rafaela Gomes: A minha relação, eu considero hoje que era muito positiva. As pessoas me enxergam como alguém que ia dar voz. Então, eu recebia a toda hora sugestão de matéria. Olha, explodiu um banco. A galera sabia que o contato comigo era uma ponte para aquele assunto poder repercutir no estado todo e se tornava estadualizado. Então, eu me sentia com um peso muito grande de ser porta voz dessas pessoas, sabe. É, eu guardo muitas lembranças boas. Principalmente, de amizades muito positivas que eu desenvolvi através desse trabalho aqui. Porque Hércules Barbosa e Beto Silva que são dois cinegrafistas aqui... Hércules foi desligado na época, Beto continua na TV, eles são mais do que cinegrafistas, eles são repórteres cinematográficos. Eles exerceram o papel deles com maestria. Era uma experiência muito positiva, porque a gente tinha uma troca muito grande. Então, os meninos estavam sempre me ensinando algo, a gente tava sempre aprendendo algo todo dia. Eles trabalhavam comigo com uma humildade, com uma serenidade. A gente nunca discutiu, nunca. E, eu acho que o principal que acontece quando a gente se desliga é a amizade que fica e as experiências, porque tu evolui muito

como profissional através do que a TV Paraíba me proporcionou, porque é uma empresa que mais do que entrega uma oportunidade de trabalho, ela lapida muito o profissional. Então, tu sais, eu tive uma experiência na TV Correio e na TV Borborema, mas eu ainda era muito verde. E a TV Paraíba, ela fazia muito investimento no profissional, através dos cursos UniGlobo que ela libera, sejam gratuitos ou pagos, através de um contato com um fonoaudiólogo, através da orientação dos próprios editores que estavam sempre preocupados com os conteúdos, em trazer a informação mais apurada possível, com o português, com o falar coloquial para se fazer entender, desde o analfabeto até à pessoa mais letrada. Então eu acho que foi uma experiência muito positiva nesse aspecto.

Silvia Torres: O que representa para você o fechamento das sucursais?

Rafaela Gomes: O fechamento das sucursais pra mim representa uma ruptura na importância do sertão para o jornalismo estadualizado. É muito mais difícil hoje a gente ver um fato forte aqui do sertão nos jornais a nível estadual do que era quando existiam as sucursais completas, com repórteres e repórteres cinematográficos funcionando aqui. Eu entendo muito bem e sou fã de redes sociais, sou uma entusiasta do jornalismo móvel. Inclusive a TV passou a gravar stand ups com celular e deixando de fazer o modelo híbrido, que era você ligar e gravar uma ligação telefônica. A partir do momento em que eu entrei aqui no sertão, porque a gente ainda fazia aquilo e agente passou a fazer vídeo e enviar por whatsapp e, enfim, eu sou muito fã das redes sociais. E eu entendo o papel da denúncia que parte do público, do público que envia o vídeo, do público que participa dessa construção da pauta. Do público que traz o furo. Mas jogar nessas pessoas a responsabilidade, ou achar que elas estão preparadas para o jornalismo comunitário, sem que elas saibam das técnicas de apuração de reportagem, de produção de reportagem, às vezes é irresponsável. E até hoje eu ando pelas ruas de Patos, ou de Quixaba, aqui perto, ou de Santa Luzia, ou de outras cidades próximas e as pessoas me param e perguntam, lembram de mim e perguntam, porque você saiu, quando é que você vai voltar, a TV não vai botar mais ninguém aqui não. E, é uma pena, porque elas também dizem, a gente nunca mais viu nada daqui na televisão. E eu fico triste. Eu fico feliz e me sinto elogiada por ter essa representatividade, mas ao mesmo tempo eu fico triste pelo público que perdeu a oportunidade de ter essa ponte. Muita gente conseguia ser ouvida, muita gente conseguia um pouco mais de justiça, muita gente conseguia seu acesso ao que é de direito, através do nosso trabalho. Não só do meu, como das sucursais

da TV Correio e de tantas outras que também fecharam aqui no sertão. É triste. A gente entende a questão econômica, mas as pessoas sentem que perderam um pouco mais de voz.”

APÊNDICE 6

Entrevista com a correspondente Zuíla David

Silvia Torres: Oi, Zu! Tudo bem? Vamos começar então, primeiro eu queria saber como aconteceu sua contratação para trabalhar no interior?

Zuíla David: Silvinha, foi em 2009, quando estava no último ano do curso de comunicação social na UEPB, tive a oportunidade de estagiar na produção da TV Paraíba. Foram meses de muito aprendizado e de experiências na produção e algumas vezes na reportagem. No final de 2009, ao concluir o curso, surgiu a vaga para ser repórter correspondente em Sousa, no Alto Sertão, com a saída de Monike Feitosa. O convite feito pelo chefe de redação da TV Paraíba Carlos Siqueira foi encarado por mim como uma oportunidade única. Não pensei duas vezes e logo aceitei aquele desafio que iria ser um passo importantíssimo para a minha carreira como jornalista.

Silvia Torres: Como foi sua chegada à cidade?

Zuíla David: A chegada à cidade sorriso foi cheia de ansiedade e de vontade de aprender a fazer telejornalismo na prática. Não conhecia a região, mas tive uma ótima recepção do companheiro cinegrafista Beto Silva, que era natural da cidade e já trabalhava há alguns anos ali. Esta parceria foi fundamental para que eu me ambientasse e assim pudesse estabelecer contatos e fazer um trabalho bacana, podendo explorar da melhor forma não só a cidade de Sousa como os 54 municípios que eram cobertos pela equipe de reportagem.

Silvia Torres: Zu, e qual era sua rotina de trabalho em Sousa?

Zuíla David: Eu cheguei em Sousa em janeiro de 2010. A rotina de trabalho naquela época era intensa. Começava pela manhã com a ida ao escritório base do nosso trabalho. Lá fazia uma ronda logo cedo para definir quais seriam as pautas que iria oferecer à redação em Campina Grande. Antes das 8h já tínhamos a pauta do dia definida, que podia ser uma matéria factual ou algo que exigisse uma produção prévia, tudo feito por

mim, com a ajuda muitas vezes do cinegrafista Beto Silva. Normalmente não tínhamos um horário de trabalho definido, já que dependíamos muito do que acontecia na região.

Sílvia Torres: Quais foram as reportagens mais marcantes?

Zuila David: Olha, foram muitas reportagens que marcaram os dois anos em que estive como correspondente em Sousa, mas posso destacar alguns momentos como a cobertura da visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva às obras da transposição do rio São Francisco, em dezembro de 2010, as buscas por petróleo na região de Sousa, a morte do ex-prefeito de Sousa Salomão Gadelha, vítima de um acidente de trânsito, uma entrevista com o escritor Ariano Suassuna durante um evento cultural em Cabaceiras e a primeira entrada ao vivo para o Globo Rural direto do interior, também da cidade de Cabaceiras em novembro de 2011.

Sílvia Torres: Como funcionava a sucursal?

Zuila David: Havia um escritório que funcionava como nossa base e redação, com computador, telefone, internet, as condições básicas para o trabalho de apuração e para gerar o material feito por nós. O carro da TV ficava à disposição de nossa equipe com o cinegrafista, que também acumulava a função de motorista.

Sílvia Torres: Como era a decisão do que viraria pauta?

Zuila David: Como repórter e produtora, eu era a responsável por fazer um filtro das pautas que iria oferecer à redação da TV Paraíba em Campina Grande. Dependendo do assunto, combinávamos diretamente com a edição ou produção quais as prioridades do dia e o que poderia produzir ao longo da semana para os telejornais da casa.

Normalmente, produzíamos para todos os telejornais: Bom dia Paraíba, JPB 1 e 2, PB Comunidade e Globo Esporte.

Sílvia Torres: Como era a sua relação com a população?

Zuila David: Por natureza, o povo sertanejo é conhecido pelo acolhimento e pela generosidade e ao longo dessa temporada na região pude comprovar de perto essa teoria. A minha relação seja com as fontes oficiais ou com a população que me via e me reconhecia como a repórter da TV era de muita cumplicidade e de respeito. Por ser a representante da empresa na cidade, ser a referência para muita gente me dava uma certa vantagem na hora de me informar sobre o que acontecia. Muitas vezes as pautas

chegavam até nós com informações e sugestões que vinham de várias pessoas que já nos conheciam pelo trabalho. Sem contar no contato com as pessoas que encontrávamos todos os dias nas ruas e na zona rural, já que também fazíamos muitas coberturas para o Globo Rural. Então sempre era comum um café, um bolo e até um jantar na casa dos personagens, como forma de agradecimento com a equipe.

Sílvia Torres: O que você guardou dessa experiência que usa no seu trabalho?

Zuíla David: Sem dúvida, o maior aprendizado da experiência como correspondente é a capacidade que desenvolvemos de ser multimídia e de conseguir transitar desde a pré produção até a edição de uma reportagem de TV. Isso eu trouxe para o meu trabalho na TV Cabo Branco, na elaboração de matérias, na sugestão de projetos e até na ajuda na produção diária dentro da redação.

Sílvia Torres: Quais as situações de bastidores mais interessantes?

Zuíla David: Passamos por muitos aperreios durante o trabalho como correspondentes, mas também por experiências bem positivas. Se por um lado não sabemos que horas vamos parar para almoçar diante de uma cobertura de um factual fora da cidade, por outro lado temos a chance de estar perto e de presenciar grandes acontecimentos da região e de sermos os únicos representantes da empresa nesses locais. Essa exclusividade nos possibilita experiências únicas, com muitos aprendizados.

Sílvia Torres: Pra você, o que representa o fechamento das sucursais?

Zuíla David: Infelizmente, vejo com muita tristeza a falta de investimento das empresas de comunicação nas sucursais. Isso se reflete diretamente na falta de representatividade do povo de determinada região nos telejornais e na perda do interesse da audiência. Enquanto estive em Sousa ao longo de dois anos, fiz o possível para levar ao estado as melhores notícias e a divulgação de coisas boas que podiam e mereciam destaque. Com o fechamento e a falta de uma equipe completa de reportagem infelizmente perde a região que não se vê na TV e também o telejornal, que passa a não contemplar todo o estado.

Sílvia Torres: Como foi dar prosseguimento ao Paraíba Rural?

Zuíla David: Ao assumir a vaga como correspondente já acompanhava o trabalho de Monike Feitosa e Beto Silva à frente do quadro Paraíba Rural, que havia sido idealizado

por eles. Então, com a ajuda de Beto logo que assumi a vaga já comecei a fazer as produções semanais para o quadro e dar continuidade ao trabalho que vinha sendo feito. Pra mim foi uma experiência muito proveitosa, já que sempre me interessei pelos assuntos que envolviam o campo, por ser também de família que vem da agricultura. Então pra mim foi uma realização profissional poder contar tantas histórias com o quadro PB Rural e dar voz aos homens e mulheres que faziam a agricultura e o agro acontecer na região do Sertão e em outras regiões que também tive a oportunidade de conhecer através do quadro.

APENDICE 7

Entrevista com a correspondente Monike Feitosa (entrevista fechada)

Silvia Torres: Monike, como começou sua história como correspondente em Sousa?

Monike Feitosa: Eu era estagiária, em Campina Grande, na TV Paraíba. Fazia as produções dos vídeos, no JPB1 e no Bom Dia Paraíba. Eu tava no segundo ano do estágio, né, e tava finalizando a faculdade. E o interessante é porque eu recebi uma proposta da TV Verde Vale que é de Juazeiro, e Siqueira na época disse, não galega, você vai ficar é aqui, na Paraíba. Eu fico se eu tiver trabalho. E aí, quando eu defendi minha monografia, que eu coleei grau, teve a formatura que ele inclusive participou, foi um dos meus padrinhos, costumo dizer que ele é meu pai do jornalismo, porque foi quem me estendeu a mão, quem acreditou em mim. Pra você ter uma ideia, na seleção do estágio da TV eram 52 candidatos, eu fiquei em segundo lugar, e na entrevista ele perguntou o que é um stand up e eu disse, eu não sei. Eu iniciei agora o quinto semestre, a disciplina de tele, mas eu prometo pra você, se vocês me ensinarem, eu vou aprender e vou me dedicar para fazer o meu melhor. E ele me deu a oportunidade, mesmo eu não sabendo responder as coisas de telejornalismo, porque estava começando a disciplina naquele semestre. E eu fiz a seleção bem no começo do meu semestre, do quinto e fui até o oitavo estagiando lá. Passei por todos os telejornais e tive a oportunidade de ser contratada e ser convidada para implantar, junto com Beto Silva que já era cinegrafista em Sousa, a sucursal de Sousa, né, do alto sertão. Já existia uma equipe em Patos, cobrindo o sertão, e a nossa era do alto sertão paraibano.

Silvia Torres: Como foi sua chegada à Sousa?

Monike Feitosa: A minha chegada à cidade de Sousa foi bem tranquila, porque Beto me deu todo suporte. Ele é de Sousa, até hoje mora lá, só que infelizmente já trabalha só, não tem mais repórter com ele. Então, ele me ajudou a conseguir um apartamento. Eu tive muita assistência da família, da esposa dele, das filhas. Nos finais de semana, quando eu estava de plantão, almoçava com eles. Quando eu tava de folga, eu ia pra João Pessoa, eu fazia uma pós-graduação em João Pessoa, porque eu já desejava ser

professora também. Então, foi muito tranquilo, eu me adaptei rápido a Sousa, participava de grupo de oração, participava das coisas de academia, fui me integrando à rotina da cidade, uma cidade muito pequena, mas que eu aprendi muito. E tinha muita notícia relacionada à polícia, a problemas de comunidade e foi vivendo no sertão que a gente aprendeu a enxergar a agropecuária como notícia. E nós criamos o Paraíba Rural, em 2009.

Silvia Torres: Como nasceu o Paraíba Rural?

Monike Feitosa: Em 2019, ele completou 10 anos, que ele vai ao ar toda quarta-feira, no Bom Dia Paraíba. E fomos nós dois quem criamos o projeto, fizemos o piloto. Ana Viana e Carlos Siqueira aprovaram. E a partir do nosso piloto que foi gravado em Catolé do Rocha, sobre apicultura, Beto inclusive foi atacado por abelhas nesse dia, eu tenho memória muito forte desse primeiro programa que a gente fez. Depois a gente viajou por outros municípios da Paraíba, fazendo outros programas do Paraíba Rural. Porque no primeiro ano, que foi em 2009, eu cheguei lá em 2008, em 2009 nós criamos o Paraíba Rural, só nós fazíamos o Paraíba Rural. Então a gente ia pro brejo, ia pro cariri, ia pra Serra da Borborema, fazer reportagens para o quadro. Era muito importante essa oportunidade que a TV dava.

Silvia Torres: Como era sua rotina enquanto correspondente?

Monike Feitosa: A rotina de correspondente, ela é muito turbulenta, porque todos os programas dependem de você, das notícias da sua região. Então, o Bom Dia Paraíba queria um VT, o JPB primeira edição queria um flash ao vivo, o JPB segunda edição queria uma sonora. Tem hora que a gente conseguia dar conta de tudo, tem hora que não. A rotina pra quem tem família, filhos, era mais complicada. E pra mim que era solteira, não, tava de boa, eu tava ali para trabalhar e eu sabia que eu era a cara da TV Paraíba, da TV Cabo Branco no alto sertão. Então, às vezes, eu acordava de madrugada, com uma ocorrência policial, um acidente, um incêndio, um tiroteio, uma morte e virava o dia trabalhando e ia dormir só no outro dia. Porque a gente gravava, ia para o escritório, gerava e ia pra TV. Acontecia uma coisa, e aí, gente não tinha muito o horário definido. Tipo, vou trabalhar de manhã e estou livre à tarde e à noite. Era tudo muito imprevisível. E quem é correspondente já tem essa consciência, como você

também foi em Guarabira, a gente tá À disposição da TV. Na época, o G1 também, a gente fazia alguns flashes pra rádio por telefone. Então, assim, não tem aquele engessamento como quem trabalha na sede. Chega quatro da manhã, sai meio dia. Chega oito da manhã, sai três da tarde. Então não tem esse horário fixo, o correspondente, ele está à disposição da TV.

Silvia Torres: Quais foram as reportagens mais marcantes?

Monike Feitosa: Entre as reportagens marcantes, foram inúmeras. Desde crimes horrendos, que eu fiquei muito abalada na época, tipo, um cunhado matar outro e a gente fazer a reportagem na mesma rua, um velório vizinho do outro. Em casas de famílias, e as famílias e as famílias serem inimigas, e a gente ali, do lado de fora, gravando a passagem, por exemplo. O Sousa, depois de décadas, foi campeão paraibano. Eu tenho essa lembrança, ando com eles, comemorando o título do Dinossauro do Sertão. Eu não entendia de esporte, aprendi muito assim na raça, na tora e aprendi muito com a ajuda dos cinegrafistas da TV que avisam, olha, isso aqui é um lance tal, isso aqui é um impedimento, é uma cobrança disso, daquilo, mas eu fazia bem o básico, porque não era minha praia, até hoje eu não me identifico muito com esse segmento. Eu me identifico mais com a cultura, com as notícias rurais, notícias de comportamento. Fiz uma reportagem sobre uma mãe de Sousa, no dia das mães, foi Ana Paula, ela estava grávida da primeira filha. E a filha foi diagnosticada com uma doença rara e foi desenganada pelos médicos. Ela é muito religiosa. A gente se conheceu no grupo de oração e aí eu acabei ficando amiga dela. E aí, pra você ver, 2009 foi o ano que eu fui morar em Sousa, estamos em 2021, até hoje eu tenho amizade com Ana Paula, o marido dela é bancário, foi transferido, mora hoje em Juazeiro, eles têm três filhas e Talita continua com eles, é a mais velha. Ou seja, foi um grande exemplo, ela nunca desistiu da filha. Essa reportagem foi muito marcante também. O arrombamento dos açudes, a inundação das Várzeas de Sousa que foi algo histórico, veio helicóptero, foi uma coisa assim que ninguém conseguia imaginar aquele vale alagado. As reportagens para a Globo que a gente fez algumas participações com as pesquisas no sertão, a questão das pegadas dos dinossauros, o estado do petróleo, da Petrobrás, no alto sertão também. É, teve reportagem que foi para Globo Rural, do Paraíba Rural, a gente conseguiu fazer versões para o Globo Rural também.

Silvia Torres: O que representa pra você essa vivência em Sousa?

Monike Feitosa: O sertão é outra casa, é uma segunda casa, foram do Ceará. E, eu tenho um laço muito forte com a Paraíba, muita gratidão à TV Paraíba, à TV Cabo Branco, porque também foi através desse trabalho que eu andei de ônibus Guanabara e aí eu conheci o meu amor, o papai das minhas princesas. Nós estamos casados há 10 anos. E foi em 2009, 07 de setembro de 2009, depois de cobrir o desfile do dia sete que eu embarquei no ônibus da Guanabara e conheci o Niraldo. Eu embarquei em Sousa e ele embarcou em Aparecida. Eram as duas últimas poltronas que tinham no Guanabara e nós estávamos indo para Campina Grande. Eu ia levar a reportagem da TV do desfile e ele ia para a faculdade de Zootecnia em Areia, ainda ia pegar outro ônibus. A gente se conheceu nessa viagem. Trocamos contato, ficamos amigos. Ele apareceu na minha vida num momento muito difícil, porque eu estava pedindo demissão da TV, com coração partido, porque eu amava trabalhar na TV Paraíba, e meu pai estava muito doente, em Juazeiro do Norte, no Ceará, onde a gente mora hoje, né. Meu pai estava com problemas renais e eu senti que era hora de voltar pra casa. Conversava muito com Deus e pedia um sinal que era a decisão certa, pedi demissão da TV e voltar para o Ceará. E aí, quando eu conheci Niraldo, a gente conversando nessa viagem, a frase que ele me falou foi muito forte e me fez refletir sobre o que Deus estava me respondendo. Ele é maranhense, o pai é do Sertão da Paraíba e os pais moram lá em Aparecida que é um município vizinho a Sousa. E ele disse que foi criado por alguns anos da infância pela avó e pelo avô no Maranhão. E quando os pais, no Sertão da Paraíba, precisaram dele, ele decidiu voltar pra casa. Então, pra mim, foi Deus usando ele para dizer que os meus pais precisavam de mim e eu tinha que voltar também. Então, eu voltei pro Ceará. Foi bem na inauguração da TV Verdes Mares, Cariri, em novembro de 2009, aí eu já tinha completado meu tempo de desligamento da TV Paraíba, cumprido aviso prévio, feito toda essa transição pra Zuíla que na época era estagiária, veio por sertão, ficou morando com uma amiga minha. Fiz todo esse meio de campo, como Beto fez pra mim, no passado, eu fiz pra Zuíla. E Zuíla ficou sendo a correspondente do sertão. Eu vim pro Ceará acompanhar o tratamento do meu pai, e acabei entrando na TV Verdes Mares que fiquei por quase 10 anos. Sai na minha segunda gravidez, porque eu queria empreender, montar um negócio, voltado para Comunicação e Marketing, foi aí que nasceu a Comunike. Vai completar três anos que sai da TV. E aí, nesse tempo que eu saí da TV Paraíba para a TV Verdes Mares, eu acompanhei o tratamento do meu pai

por três meses, e ele infelizmente não resistiu, porque ele contraiu Dengue na época e ele faleceu. Então aconteceu tudo isso, nessa transição, mas aqui estamos, entendendo o que acontece em nossas vidas como um propósito da gente amadurecer e ser gratos pelas oportunidades.

Silvia Torres: O que poderia virar pauta?

Monike Feitosa: A TV Paraíba dava essa liberdade para a gente enxergar o que estava acontecendo na região, que tinha importância para o estado. A gente ficava muito atento quanto a isso. Beto sempre foi uma pessoa muito bem envolvida com as questões do município. Muito conhecido, trabalhou em banco, a família dele é natural de lá, ele tinha muito contato, a gente não perdia nada. Sempre éramos os primeiros a dar a notícia. Então, o que ia virar pauta, dependia mais dos critérios de quando chegava na redação, com o material decupado, ou a fita enviada de Guanabara, e aí eles decidiam o que ia para cada jornal. Quando a internet tava boa, que aí teve a migração da transmissão online, cada minuto que a gente gerava, era meia hora pra Campina Grande receber, então a gente tinha que pré-editar, e mandar realmente o que ia pro ar. E aí os editores definiam, mas às vezes, tinham demandas que eles pediam, coisas que também estavam ao nosso alcance. Faz uma sonora, faz um boletim, um stand up. O stand up, que não sabia responder na minha entrevista pro estágio, virou uma ferramenta de trabalho, porque era muito rápido para gerar.

Silvia Torres: Como era sua relação com a população?

Monike Feitosa: Minha relação com a população era boa. A maioria das pessoas tinha meu telefone, sabia onde eu morava. Muita gente batia lá com sugestão de pauta, pedido de ajuda. O que eu guardo da minha experiência e uso no meu trabalho, a minha resiliência, a minha força. Pra ser correspondente tem que ter sangue no olho. Tem que gostar de trabalho, e não ter preguiça, porque não tem hora para acontecer. Às vezes, você deixa de comer para trabalhar. Então, ser correspondente é pra quem abraça a profissão como missão. Só pelo dinheiro, a gente acaba descobrindo que não vai valer a pena. Acredito que isso é uma grande lição de qualquer área profissional.

O fechamento das sucursais é uma tristeza. Cada veículo que deixa de circular, um jornal como o Diário do Nordeste deixou de circular numa versão impressa, uma sucursal que fecha, um repórter que sai e deixa um cinegrafista sozinho, é um passo pra trás que o jornalismo dá. E é muito triste ver a desvalorização de uma área que é tão importante pra sociedade. Não há sociedade sem imprensa. Não sociedade sem a divulgação dos fatos sociais. E a nossa profissão é essa, que a gente se doa tanto, se dedica tanto, mas ainda pouco valorizada e tão necessária. Então, que a gente tenha dias melhores mais pra frente. Até a vacina é uma grande questão, da federação nacional pra gente tomar, porque estamos em campo, trabalhando todos os dias na pandemia, e não temos ainda o direito de tomar vacina. Mas também há outros profissionais que estão na linha de frente de forma indireta, como gari, como segurança pública, que agora estão conseguindo se vacinar. Eu penso que com o passar do tempo, a sociedade precisaria de um tipo de educação midiática. Porque, cada vez mais lidamos com mais notícias falsas, com mais informações pouco verdadeiras, na rede social, na internet.